



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - ICS**  
**CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SOBRE AS AMÉRICAS - CEPPAC**  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados**

**ADALBERTO DE SALLES LIMA**

**PERIFERIAS E SUBJETIVIDADES JUVENIS EM  
SALVADOR/BAHIA**

**BRASÍLIA, 2016**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - ICS**  
**CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SOBRE AS AMÉRICAS – CEPPAC**  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados**

ADALBERTO DE SALLES LIMA

**PERIFERIAS E SUBJETIVIDADES JUVENIS EM  
SALVADOR/BAHIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas do Centro de Estudos sobre as Américas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Camilo Negri

Linha de Pesquisa: Sociedade, Estado e Políticas nas Américas

BRASÍLIA, 2016

ADALBERTO DE SALLES LIMA

PERIFERIAS E SUBJETIVIDADES JUVENIS EM SALVADOR/BAHIA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas do Centro de Estudos sobre as Américas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

---

Professor Dr.<sup>o</sup> Camilo Negri – Presidente da Banca  
Universidade de Brasília

---

Professor Dr.<sup>o</sup> Breitner Tavares – Membro Externo ao Programa  
Universidade de Brasília

---

Professor Dr.<sup>o</sup> Martin-Léon-Jacques Ibáñez de Novion – Membro Efetivo  
Universidade de Brasília

## DEDICATÓRIA

Dedico a dissertação às pessoas que me ajudaram no período do mestrado, para aqueles que sonham em almejar melhores oportunidades e aos que não conseguem se inserir no mundo privilegiado e seletivo do ensino superior, por conta das dificuldades colocadas pela pobreza. Acredito que a pesquisa contemple parte das vozes de muitos jovens de periferias.

Compartilho essa realização profissional com minha família que sempre acreditou nos meus objetivos e sonhos. Dedico também aos amigos que há anos possuo, aos colegas de turmas e aos amigos que fiz durante o curso, sobretudo, Terêncio, Guilherme e Gustavo. Cada momento de alegrias e tristezas foi importante para o amadurecimento pessoal.

Minha trajetória acadêmica e de vida é específica, mas a conquista é coletiva e antecede minha existência. Por conseguinte, dedico também às lutas de meus antepassados de raízes africanas no enfrentamento ao racismo e discriminação, que não tiveram oportunidades de mobilidade social ascendente. Se hoje, estou numa situação privilegiada em relação a milhares de jovens negros brasileiros é devido às conquistas sociais ao longo da história pelas minorias. O desafio da população negra no Brasil é ser cidadão e negro ao mesmo tempo.

## AGRADECIMENTOS

Ao Centro de Estudos e Pesquisa em Pós-Graduação Sobre as Américas (CEPPAC) pela oportunidade de poder realizar o mestrado. Durante o período do curso ampliei meu horizonte profissional e visão de mundo, a partir das discussões em sala de aula e outros momentos de interações. Aos professores e funcionários do CEPPAC minha admiração e respeito. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), pela concessão da bolsa de mestrado, pois, sem o apoio financeiro não seria possível realizar a pesquisa.

Agradeço profundamente aos sujeitos da pesquisa que consideraram relevante a temática e por disponibilizarem os tempos de sala de aula e alguns intervalos e ao Colégio Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis através da direção, técnico-administrativos e professores, por aceitarem a realização da pesquisa no ambiente de ensino. As informações prestadas pela Equipe de Supervisão de Disseminação de Informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística com uma de suas sedes na Unidade Estadual da Bahia foram relevantes para análise de microdados do contexto investigado.

Ao Professor Dr.<sup>o</sup> Camilo Negri pelo período de convivência, muito me ensinou, pela disponibilidade e paciência nas orientações da pesquisa. Os momentos contribuíram para o meu crescimento científico e intelectual e acreditar num ambiente institucional menos vaidoso e de maior autonomia discente.

## RESUMO

A juventude de periferias em Salvador representa um grupo social complexo e distinto e a busca por melhores condições de vida tem relação com as dificuldades criadas pelas desigualdades sociais. Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa é compreender a condição da desigualdade social nas subjetividades juvenis, numa periferia de Salvador. Os objetivos específicos pretendem: a) entender o contexto social dos sujeitos investigados e os desafios conceituais analíticos sobre a categoria pobreza e juventude; b) o significado do lugar como uma construção simbólica elaborada pelos jovens; c) perceber a periferia para além da dimensão econômica; d) compreender como a desigualdade social influencia na subjetividade da juventude pesquisada. A interpretação do olhar de um grupo juvenil numa periferia tem conexão de sentido com sua experiência de vida no local de maior sociabilidade e o mundo. Os sujeitos da pesquisa são estudantes e jovens de 15 a 29 anos de idade do ensino médio, do Colégio Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis, nos bairros de São João do Cabrito e Plataforma, localizados no Subúrbio Ferroviário de Salvador. A metodologia recorreu à abordagem, qualitativa e quantitativa, uma vez que as múltiplas dimensões de análise que envolve a realidade social investigada necessitou ampliar os horizontes de investigação e interpretação dos dados pesquisados. Foram pesquisados 130 estudantes, distribuídos em seis turmas e realizados quatro grupos focais. Para a realização do estudo recorreu-se a autores clássicos e contemporâneos, fichamentos, elaboração de plano de trabalho, questionário semiestruturado e roteiro para entrevistas qualitativas. A pesquisa verificou que as perspectivas de futuro e horizontes de realizações pessoais de uma parcela da sociedade que vive o desafio imediato de superar a privação, mesmo que seja somente pela via imediata do ingresso profissional não é suficiente para caracterizar uma cidadania completa, porém é uma demanda específica da juventude investigada que deve ser considerada. Acredita-se que a pesquisa tem relevância social, ao contribuir para ampliar as reflexões acerca do contexto de juventude pobre e de periferia em Salvador.

**Palavras-Chave:** juventude, periferia, subjetividade, pobreza, horizonte futuro.

## RESUMEN

La juventud proveniente de los suburbios de Salvador es un grupo social complejo y distinto y la búsqueda de mejores condiciones de vida tiene relación con las dificultades creadas por las desigualdades sociales. En este sentido, el objetivo general de la investigación es entender la condición de desigualdad social en las subjetividades juveniles, en una periferia de Salvador. Los objetivos específicos tienen la intención de: a) comprender el contexto social del grupo investigado y desafíos conceptuales sobre las categorías pobreza y juventud; b) el significado del lugar como una construcción simbólica diseñada por los jóvenes; c) percibir la periferia más allá de su dimensión económica; d) entender cómo la desigualdad social afecta la subjetividad de los jóvenes encuestados. La interpretación de la perspectiva de un grupo juvenil en la periferia tiene una conexión de sentido con su experiencia de vida local. Los sujetos de la investigación son estudiantes y jóvenes de los 15 a los 29 años de edad, alumnos del Colegio Bertholdo Cirilo dos Reis, en los barrios de São João do Cabrito y Plataforma, situados en el Suburbio Ferroviario de Salvador. La metodología recurrió al enfoque cualitativo y cuantitativo, necesarios para las múltiples dimensiones de análisis que implican la realidad social investigada, ampliando los horizontes de investigación e interpretación de los datos analizados. Los investigadores encuestaron a 130 estudiantes, distribuidos en seis grupos y se realizaron cuatro grupos de discusión. Para el estudio se utilizaron autores clásicos y contemporáneos, fichas, preparación del plan de trabajo, cuestionario semi-estructurado y el guión para las entrevistas cualitativas. La investigación comprobó que las perspectivas del futuro y los horizontes relativos a logros personales de una parte de la sociedad que vive el reto inmediato de la superación de la privación, aunque sólo se remetan a la entrada profesional de manera inmediata, no es suficiente para caracterizar una ciudadanía plena, sin embargo, se trata de una demanda específica de los jóvenes investigados que debe ser considerada. Se cree que la investigación tiene relevancia social para contribuir a la ampliación de reflexiones relativas al contexto de la juventud pobre y periférica en Salvador.

**Palabras-clave:** juventud, periferia, subjetividad, pobreza, horizonte de futuro.

## ABSTRACT

Suburban youth from Salvador represent a complex and distinct social group, and the search for better life conditions is intrinsically related to difficulties created by social inequalities. As such, the general aim of this research is to comprehend social inequality conditions in youth subjectivities, in the outskirts of Salvador. The specific aims seek to: a) understand the social context of the studied group and the analytical challenges presented by categories such as poverty and youth; b) the meaning of place as a symbolic construction elaborated by young people; c) understand the periphery beyond its economic dimension; d) understand how social inequality affects the surveyed youth's subjectivity. Interpreting the perspective of a youth group in an urban periphery has a connexion of meaning with their life experience in places of larger sociability and in the world. The research subjects are students and youth 15 to 29 years old frequenting high school at the Colégio Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis, in the neighbourhoods of São João do Cabrito and Plataforma, located in railroad suburb of Salvador. The methodology used comprised of a qualitative and quantitative approach, as the multiple dimensions of analysis enveloping the researched social reality were needed to amplify the horizons of research and data interpretation. The researched comprised 130 students, distributed in six classes and four focus groups were conducted. The study resorted to classical and contemporary authors, work plan elaboration, a semi-structured survey and a script for qualitative interviews. The research verified that future perspectives and the horizons of personal achievements of a parcel of society which faces the immediate challenge of overcoming deprivation, even if they only consist of the immediate route of entering the labour market, is not sufficient to determine a comprehensive citizenship, however, it is a specific demand of surveyed youth that should be considered. It is believed that research has social relevance, by contributing to amplify reflections on the context of poor and periphery youth in Salvador.

**Keywords:** youth, periphery, subjectivity, poverty, future horizons

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: evolução da pobreza segundo a proporção de pobres, 1992-2012 .....	28
Figura 2: esquema concêntrico de Ernest W. Burgess (1925) .....	40
Figura 3: áreas zoneadas em Salvador.....	44
Figura 4: antiga Fábrica de São Brás no Subúrbio de Salvador .....	45
Figura 5: área de contexto investigado em Salvador .....	46
Figura 6: Colégio Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis.....	48
Figura 7: expressões artísticas dos estudantes no Bertholdo .....	52
Figura 8: questões positivas e negativas nos bairros, segundo os entrevistados .....	58
Figura 9: alguns projetos sociais no local pesquisado .....	68
Figura 10: projeto pedagógico Show de Talentos .....	70
Figura 11: performances dos estudantes .....	71
Figura 12: significado do estudo (%) .....	74
Figura 13: significado do trabalho para sua vida (%) .....	75
Figura 14: expectativa profissional após conclusão no ensino médio (%) .....	79

## LISTA DE SIGLAS

CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina
CONDER	Companhia de Desenvolvimento do Estado da Bahia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INPC	Índice Nacional de Preço ao Consumidor
PDAD/DF	Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios/Distrito Federal
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
SIS	Síntese de Indicadores Sociais
SISU	Sistema de Seleção Unificada

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I - PERIFERIAS, POBREZAS E JUVENTUDES .....</b>	<b>18</b>
1.1 PERSPECTIVAS SOBRE ESCALAS E PERIFERIAS.....	19
1.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS SIGNIFICADOS DE POBREZAS .....	24
1.3 OS DESAFIOS TEÓRICOS SOBRE JUVENTUDES .....	31
<b>CAPÍTULO II - A CIDADE E OS JOVENS .....</b>	<b>36</b>
2.1 A ESCOLA DE CHICAGO E O PENSAMENTO SOBRE A CIDADE .....	37
2.2 O CONTEXTO INVESTIGADO.....	43
2.3 OS OLHARES DOS JOVENS ACERCA DAS DESIGUALDADES SOCIAIS .....	49
2.4 O LUGAR: O BAIRRO E A CONSTRUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES .....	56
<b>CAPÍTULO III - SUBJETIVIDADES E HORIZONTES FUTUROS .....</b>	<b>62</b>
3.1 SUBJETIVIDADES E JUVENTUDES .....	62
3.2 POLÍTICAS PÚBLICAS E PROTAGONISMO JUVENIL.....	65
3.3 OS SENTIDOS ACERCA DA ESCOLA E TRABALHO .....	72
3.4 CIDADANIAS E HORIZONTE FUTURO .....	77
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>89</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>99</b>

## INTRODUÇÃO

A dissertação trata da relação entre Juventude e Periferia por meio da análise das subjetividades de estudantes do Ensino Médio de uma escola estadual de Salvador. O trabalho de pesquisa seguiu uma perspectiva indutiva, cujo principal objetivo era dar voz aos jovens de periferia (RAGIN, 2002) por meio de uma perspectiva analítica interdisciplinar.

A realização da pesquisa com jovens soteropolitanos justifica-se pelas condições de vida de um grupo populacional de contexto precarizado e que vive um momento de transição para a vida adulta. O critério adotado para definir o local de pesquisa tem como suporte na origem do pesquisador e na literatura sobre a desigualdade social na cidade de Salvador, a exemplo de Souza (2008), Santos (1998; 1997), Serpa (2001; 2007; 2011) e dados do IBGE (2010; 2015), PNAD (2015) e IPEA (2013) que evidenciam que os bairros de Plataforma e São João do Cabrito compõe uma das áreas empobrecidas na cidade.

A juventude é um grupo social que se distingue de outros por compartilhar experiências sociais específicas, incertezas pessoais e profissionais, adaptações a novos papéis sociais e descobertas pessoais como a formação de identidades, estilos, formas de sociabilidade, busca pelo primeiro emprego, formação familiar, expectativa futura e independência financeira. Apesar da presença da pobreza no contexto juvenil investigado, suas subjetividades revelam o desejo por superar a privação por meio do estudo e do trabalho.

Os jovens oriundos das periferias dos grandes centros urbanos do Brasil expressam um campo de significados sociais específicos e em comum e os contextos influenciam nas trajetórias de vida e na formação das subjetividades. A pobreza, ao criar dificuldades para inserção no mundo do trabalho, conclusão do ensino médio, continuação dos estudos, realização de projetos de vida e reconhecimento enquanto sujeitos de direitos, implica numa mobilidade social instável, contribuindo para definir uma cidadania incompleta para as juventudes.

A pesquisa tem como questão central compreender as subjetividades de um grupo juvenil localizado numa periferia na cidade de Salvador. Para isso, buscou entender a periferia como um contexto social e não apenas uma dimensão econômica. A desigualdade social influencia a subjetividade da juventude periférica, condicionando o horizonte de perspectivas dos entrevistados acerca da escola e do trabalho e do sentido de cidadania em suas vidas.

A realização da pesquisa recorreu à abordagem metodológica mista, qualitativa e quantitativa, uma vez que se trata de um estudo de caso com múltiplas dimensões descritivas e interpretativas. A relação entre os dados quantitativos, a fundamentação teórica, as percepções dos sujeitos da pesquisa e a interpretação formam um conjunto presente durante a escrita.

No campo, o primeiro contato com o Colégio Bertholdo Cirilo dos Reis buscou conhecer a estrutura física do colégio, o corpo docente, a direção, funcionários e o perfil dos estudantes, sobretudo do ensino médio, disponibilizando informações acerca da quantidade de matrículas, turmas, desistência, evasão e outras informações disponibilizadas pela secretaria do Colégio. Na segunda visita foi negociado com os vices diretores da manhã e noite os dias, horários e turmas disponíveis para a aplicação de questionários e realização de grupos focais.

Nesse processo de diálogo, houve dificuldades por conta do período de avaliações escolar e quais turmas e professores poderiam ceder parte do tempo das aulas. Essa situação resultou numa negociação que durou uma semana. Após chegar num consenso foi possível confirmar os dias e turmas que fariam parte diretamente da pesquisa. Nesse mesmo dia realizou-se um teste de aplicação do questionário para saber se as questões formuladas estavam satisfatórias. O teste foi aleatório, com solicitação voluntária de seis estudantes que se encontravam nos corredores do colégio, no momento do intervalo.

Em seguida, se realizou o contato com os estudantes do ensino médio nos períodos matutino e noturno, pois, o vespertino é exclusivo para o ensino fundamental. A pesquisa entrevistou 130 estudantes, o que representa 23,9%

do universo discente matriculados no ensino médio. Os estudantes do nível médio representam 40,7% do total de estudantes em todas as modalidades de ensino. Em 2015 foram matriculados 1.271 estudantes.

O contato com os estudantes ocorreu em seis turmas<sup>1</sup> (quatro pela manhã e duas à noite) e foram aplicados 130 questionários. A realização do grupo focal (quatro grupos de aproximadamente oito jovens cada) aconteceu em quatro turmas, três pela manhã e uma à noite. A aplicação do questionário semiestruturado possibilitou conhecer o perfil sociodemográfico dos entrevistados. A pesquisa não se propôs a discutir relações de gênero, apesar de considerar pertinente. O único critério adotado para selecionar os estudantes para o grupo focal foi a faixa etária de 15 a 29 anos que, segundo o Estatuto de Juventude, compõe o segmento populacional da juventude.

Após essa seleção e a participação voluntária foi possível concretizar os grupos focais, com o apoio de um roteiro (anexo 3) que facilitou entender questões subjetivas dos entrevistados, a exemplo dos sentidos do trabalho e educação, perspectivas de futuro após concluir o ensino médio, opiniões acerca das políticas públicas na região, as possibilidades para negros e brancos e homens e mulheres, o preconceito étnicorracial e por morar no bairro, perspectivas futuras, pobreza e riqueza, os caminhos adotados para diminuir a privação, o significado de ser jovem e protagonismo juvenil.

Durante a pesquisa de campo foi necessário à contrapartida imediata do pesquisador para o Colégio. A vice-diretora da noite reservou uma turma para que fosse discutida a temática de juventude e mundo do trabalho. Isso possibilitou um diálogo sobre as vivências dos estudantes e outras questões relevantes para os objetivos da pesquisa. Os estudantes se sentiram motivados e a discussão foi além do horário programado. Numa negociação com o vice-diretor da manhã, substitui uma aula de sociologia e aproveitou-se a oportunidade para conversar sobre a temática Juventude e aplicar os questionários.

---

<sup>1</sup> Manhã: 3º ano turma B e C; 2º ano turma B e 1º ano turma C. Noite: 2º ano turma N 16 e uma turma do técnico (módulo 5 - administração).

Durante as visitas no Colégio foram observadas demandas de responsabilidade dos principais representantes da Instituição e isso interferiu, algumas vezes, em tentativas de conversas. Certas situações do cotidiano escolar são imprevisíveis e, sendo assim, foi necessária elaborar uma agenda de trabalho flexível que se adequasse a realidade da instituição escolar. Na etapa do pós-campo, as informações disponibilizadas pelos questionários e grupos focais foram analisados. Ao finalizar o estudo será reproduzida uma cópia do trabalho para ser entregue na escola e uma possível discussão com professores e estudantes para discutir os resultados da pesquisa. Somente depois desse procedimento o pós-campo será concluído.

A dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro momento discorreu sobre a relação entre o local e global e a relevância dos estudos sobre o “Lugar” para compreender as particularidades e suas conexões com fenômenos gerais. A partir disso, a modernidade incidiu de forma diferenciada na região, produzindo realidades e distintas, processos históricos e novas configurações culturais.

Os processos heterogêneos singularizam a região e oferecem suporte analítico para verificar distintas situações de vida e organização social. A pesquisa procurou entender um fenômeno social localizado, diante da pluralidade de práticas culturais urbanas brasileiras. A pobreza envolve um conjunto de variáveis específicas em cada sociedade, um fenômeno multidimensional que vai além da renda definidas por agências econômicas internacionais. A pluralidade social marca os estilos dos grupos juvenis, suas práticas e subjetividades no urbano.

O capítulo II analisa algumas transformações no urbano, perpassando pelas contribuições teóricas e metodológicas da Escola de Chicago para compreender parte da dinâmica do fenômeno social investigado na cidade de Salvador. Isso possibilitou compreender novas configurações espaciais, perspectivas de centros e a periferia como um território carregado de sentidos e emoções que tem relação com as práticas culturais juvenis. As práticas sociais juvenis relevam novos sentidos atribuídos à organização social da cidade.

Outras questões são abordadas ainda no capítulo II, como o contexto social dos jovens nos bairros de Plataforma e São João do Cabrito, localizado numa periferia em Salvador. As diferenças em situações de vida numa mesma área são percebidas pelo grupo juvenil e ele entende que há uma desigualdade social em meio à precariedade urbana local. O grupo tem expectativas positivas de ascensão social, mesmo que seja somente pela via do ingresso profissional.

As desigualdades sociais, a partir do olhar dos sujeitos investigados, evidenciam a violência policial, preconceito com os estilos juvenis, homicídios e o tráfico de drogas como situações presentes no local e produzem estigmas sobre os bairros e sujeitos. Apesar das condições de infraestrutura, muitas vezes apontadas como insatisfatórias pelos entrevistados, o olhar sobre os bairros revela uma construção simbólica para àqueles que a vivenciam cotidianamente. Sendo assim, o bairro significa um espaço de intensa sociabilidade e os sentimentos, ações e processos históricos formam um conjunto de significados que estabelecem conexões de sentidos entre um local e seu particular grupo populacional.

No terceiro capítulo, Políticas Públicas e Subjetividade juvenil, ressalta a importância de políticas públicas como instrumentos de mobilidade social ascendente. No entanto, nem sempre seus resultados são efetivos. Ainda predomina a participação dos sujeitos como receptores e não atuantes na construção e implementação de políticas públicas. Nos últimos anos, os avanços na ampliação do diálogo e elaboração de políticas públicas juvenis contribuíram para maior participação social dos jovens. O protagonismo juvenil cumpre um papel essencial na conscientização política e civil desses sujeitos, colaborando no fortalecimento da democracia e desenvolvimento local.

Em outro subitem, os estudos sobre a categoria subjetividades têm sua origem no campo filosófico e adquire destaque no período da modernidade ao verificar o sujeito como uma possibilidade de investigação complexa, de interação social. A subjetividade do sujeito ou grupo não é produto de uma natureza individualizada. As abstrações humanas estabelecem conexões de sentidos como seu contexto social e o mundo. As abstrações do coletivo juvenil

na periferia de Salvador são específicas e mostram como a realidade vivenciada modela parte de seus desejos e necessidades.

No último subitem, os sentidos acerca da escola e trabalho como questões centrais para a mobilidade social ascendente relevam conflitos entre estudante e a instituição de ensino e a escola como caminho necessário para a realização de projetos futuros. Os jovens pesquisados revelaram que o trabalho adquire relevância, sobretudo para diminuir a privação na qual se encontram.

O trabalho, mesmo não sendo suficiente para garantir uma condição social sem privação, significa algo imediato e de realização futura para os que estão em situação economicamente fragilizada. Diante dessa realidade, a ideia de cidadania é substituída pelo ingresso profissional e o horizonte futuro desse grupo populacional está ligado a melhores expectativas de vida por meio do trabalho e continuação dos estudos.

## CAPÍTULO I - PERIFERIAS, POBREZAS E JUVENTUDES

O presente capítulo irá discorrer algumas questões teóricas que dão suporte ao desenvolvimento da pesquisa, ao destacar perspectivas de Periferias, a Pobreza urbana como multidimensional e a categoria Juventude(s).

Os jovens tendem a ver mundo a partir do seu contexto, isso porque o local constitui as primeiras experiências sociais dos sujeitos. A relação entre o local/micro e o global/macro caracteriza uma dialética entre fenômenos de diferentes escalas espaciais. No caso da pesquisa, a área investigada é considerada micro em relação à cidade, assim como Salvador é considerado micro, em relação ao país, a região e o mundo. A cidade reproduz parte da lógica de centro-periferia vista também na dimensão macro, a exemplo da América Latina no sistema-mundo.

O entendimento sobre a categoria periferias é polissêmico, pois, sua compreensão depende das perspectivas de investigação dos fenômenos sociais e suas interações. Não cabe na análise do termo somente o econômico, como uma área de precariedade e subordinação socioeconômica. Para a pesquisa, a dimensão simbólica da categoria é essencial para percebê-la como um espaço de diferentes relações e significados sociais.

A pobreza está presente no local investigado, mas não é absoluta na explicação do contexto juvenil nos bairros São João do Cabrito e Plataforma. A pobreza tem vários aspectos e a depender do contexto, sua compreensão é específica. Na conjuntura onde ocorreu a pesquisa, os entrevistados apontaram que a pobreza se manifesta com mais intensidade ao observar as insuficientes possibilidades de ascensão social ascendente e acentuada desigualdade, através da violência, discriminação, tráfico de drogas e poucos equipamentos públicos. As incertezas nos projetos de vida são influenciadas pelas condições sociais de precariedade.

## 1.1.Perspectivas sobre escalas e periferias

A dialética entre o local/particularidade e o global/universalidade oferece condições para estabelecer conexões de sentidos entre escalas. No caso do fenômeno investigado, as desigualdades sociais, percebidas numa periferia brasileira, têm relação com processos mais amplos, seja na cidade de Salvador, no Brasil ou na América Latina.

A condição de periferia imposta à região, observado também em graus e razões diferentes em outros continentes, segue se reproduzindo de forma micro, gerando contextos socialmente precários. A dinâmica do capital desigual e combinado continua a acrescentar novas dinâmicas e o processo de periferização imposta à região ocorreu de maneira diversificada. Questões como urbanização, pobreza e desigualdades criaram condições em comum a milhões de sujeitos.

O exercício em estabelecer conexões de sentido entre o local e o global constitui uma dialética necessária para desconstruir perspectivas hegemônicas e compreender novas configurações sócioespaciais. Perceber a juventude latino-americana como grupos populacionais heterogêneos significa entender que a juventude periférica de Salvador é singular, representativa e que guarda algumas semelhanças quando verificados outros contextos juvenis. As práticas culturais, visões de mundo, projetos de vida e condições sociais revelam semelhanças e diferenças entre os grupos juvenis na região.

Os estudos sobre o local e o global são amplos e, no caso de pesquisadores latino-americanos envolvem perspectivas que questionam os saberes hegemônicos e destacam as particularidades sociais para compreender a si mesmo e o mundo. Santos (1994b; 2009a) com a noção de Totalidade baseado no aporte teórico da filosofia<sup>2</sup> e Souza (1995) com a questão do Lugar

---

<sup>2</sup> A discussão proposta por Milton Santos (1994, 1999) sobre Totalidade tem sua base nos filósofos universais e nominalistas, como Platão (428 a 347 a. C.), Aristóteles (384 a 322 a. C.), Boécio (480 a 524 d. C.), Guilherme de Ockham (1285 a 1350) e Pedro Abelardo (1033 a 1119).

oferecem condições iniciais para pensar a dialética em questão. Segundo Santos (2009a: 115),

Todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que as partes da unidade, do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a Totalidade não bastam para explicá-las. Ao contrário, é a Totalidade que explica as partes.

O autor desenvolve uma interpretação sobre as interações das coisas, onde todas as coisas que compõem o universo são consideradas partes de uma unidade, mas é o “todo” que explica as “partes” e não o contrário. A “unidade” no qual se refere é entendida como “totalidade”. Esse pensamento mostra uma ideia inicial sobre a Totalidade, uma relação pré-estabelecida, onde a verticalidade do saber e acontecer dos eventos explica as partes, a partir do global. A compreensão do mundo a partir do geral dificulta o entendimento das especificidades que compõem cada lugar e que dão sentido ao fenômeno mais amplo.

Ao avançar na interpretação, Santos (2009a) utiliza o termo “cisão da totalidade” para explicar os possíveis avanços na interpretação do termo na qual a sociedade contemporânea oferece. Para ele, “É a realidade do todo o que buscamos apreender. Mas a totalidade é uma realidade fugaz, que está sempre se desfazendo para voltar a se fazer. O todo é algo que está sempre buscando renovar-se, para se tornar, de novo, um todo.” (p. 117). Nos termos de autor, a “cisão da totalidade” pressupõe compreender as “subdivisões”, as partes da unidade. É preciso dividir para compreender cada evento ocorrido em diferentes momentos históricos. Dividir a totalidade é compreender “[...] a história do mundo, do país, de uma cidade.” (p. 118).

Certos acontecimentos que marcaram as sociedades mostraram que a relação do homem com o mundo é dinâmica e ainda em curso. Serres (1990)<sup>3</sup> lembra que antes a relação era local-local, agora é local-global, “hoje, temos uma nova relação com o mundo, porque o vemos por inteiro”. Por meio de discussões sobre os movimentos migratórios internacionais, Souza (2009: 65) afirma que os lugares são mundiais e, a partir do lugar que se dá o mundo.

Essa perspectiva de análise percebe que o lugar assume relevância ao entender o mundo. Para a pesquisadora, o fracionamento do “todo” possibilita compreender, dialeticamente, o lugar e o mundo. O mundo se configura num conjunto de possibilidades, onde sua realização depende das oportunidades oferecidas pelos lugares (SANTOS, 1994b: 03).

Os autores discutem escalas envolvendo processos macros de natureza político-ideológico, no entanto, oferecem elementos para verificar outras perspectivas. No caso de um jovem indígena que vive num sistema de valores tradicional e que não interage com outros ambientes distintos ao seu, o raio de sociabilidade poderá se restringir a sua comunidade ou na relação com outras comunidades tradicionais indígenas. Sendo assim, o significado de “mundo” para ele poderá denotar um realidade de escala espacial consideravelmente reduzida, quando comparada com outras possibilidades de interação social.

Diferentemente do caso anterior, centenas de jovens de culturas ocidentalizadas que nunca se deslocaram para outras cidades vizinhas e, até mesmo, vivem parte das possibilidades de entretenimento oferecidas pela cidade, conseguem interagir globalmente por meio da tecnologia com diferentes culturas e estilos de vida. A percepção sobre o mundo se amplia ao ganhar suporte da tecnologia e do próprio estilo de vida urbano.

Os dois casos, de jovens indígenas de comunidades tradicionais e jovens de áreas urbanas, indica que a leitura sobre as escalas sócioespaciais não segue regras, não é passível de ser quantificado e poderá ter relação com

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada a Bernardo Carvalho. Folha de São Paulo, sessão “Letras F”, página 3 de 21 de abril de 1990.

outros locais para além do Atlântico. A partir dessa perspectiva, as análises sobre escalas assumem fluidez, do ponto de vista das interações sociais de cada sujeito ou grupo social.

As juventudes latino-americanas representam grupos sociais de tempos, contextos e subjetividades específicas que não cabem nos estudos de linguagens economicistas. Mais que a tendência de torná-las algo homogêneo, a pluralidade das práticas culturais e contextos diversos ratificam-os enquanto representantes de suas próprias realidades e estabelecem conexões de sentidos com outras realidades juvenis na região.

Em outra perspectiva de análise entre o local e o global, agora mais ampla, a modernidade tentou fazer da Europa o próprio “mundo” e a América Latina parte dele, por meio de imposição ideológica e econômica, tornando-a uma economia periférica no mercado mundial. Essa condição trouxe implicações para a vida de milhares de sujeitos em forma de desigualdades e empobrecimento e as condições de precariedades percebidas nas periferias de Salvador se vinculam há alguns dos processos históricos no Brasil e na região.

A relação entre centro e periferia envolve dimensões distintas, como a política, cultural, ideológica, econômica, simbólica e física, indicando um jogo de forças que criam hierarquias sociais e estruturas urbanas, resignificando, por sua vez, lugares, sujeitos/grupos sociais e outros campos de investigação. Nessa abordagem macroterritorial, Wallerstein<sup>4</sup> (1979), entende que o centro é a área de grande desenvolvimento tecnológico, especializado em produzir produtos complexos, enquanto a periferia é a área que fornece *commodities*, matérias primas, força de trabalho e produtos agrícolas para o centro. Esse pensamento parte de uma perspectiva do sistema-mundo<sup>5</sup>, difundido por volta

---

<sup>4</sup> Wallerstein (1979: 349-350) entende que “semiperiferia” é um fenômeno recente de natureza política e econômica, caracterizado por uma região de desenvolvimento intermediário entre o “centro” e a “periferia”.

<sup>5</sup> Mesmo buscando avançar na compreensão da definição de “sistema-mundo”, o autor parece reconhecer os limites/precariedades da definição (p. 347). Talvez isso tenha dado margem para Milton Santos afirmar que Wallerstein “vulgarizou” o termo, ao revelar que é necessário emoldurar outras formas de ver a realidade, superando o fato geográfico (alusões, comparações, analogias, metáforas) que em nenhum caso, substituem a visão constitutiva do fenômeno (2009: 113-114).

de 1970, no qual o autor identifica a origem na expansão do modo de produção capitalista ocidental, no século XVI, especificamente da Europa em relação à América.

Percebe-se a natureza econômica entre dois extremos que se integram num campo maior, o sistema-mundo. O estudo do desenvolvimento econômico, sobretudo no pós-Segunda Guerra Mundial, possibilitou compreender o capitalismo mundial como um sistema heterogêneo e hierarquizado, onde as relações capitalistas se estabelecem de modo desigual e combinado. Desde sua configuração enquanto “empresa” fornecedora de matérias prima, a América Latina se integra num sistema global de mercado europeu.

As perspectivas de centro-periferia, a partir da experiência latino-americana estão baseadas na relação econômica desigual, de subordinação política e determinação cultural contribui para interpretar possíveis abordagens sobre o jogo de escalas entre fenômenos sociais. A Europa é reconhecida como “o centro do mundo” por ter criado um sistema global que a colocaria nessa condição através de sua imposição a outras culturas e não pelo consentimento passivo de suas periferias e outros países.

Sendo assim, é possível verificar a América Latina como um fenômeno micro, em relação ao mundo e subordinação econômica frente ao mercado internacional. Os bairros periféricos, inclusive os pesquisados, em relação à cidade de Salvador, reproduzem parte das condições de centro-periferia vistas na escala mundo, reproduzindo parcialmente a natureza do Sistema-Mundo (Wallerstein, 1979). A periferia investigada mantém relação de subordinação com o centro econômico de Salvador, uma vez que o local é caracterizado, dentre outras dimensões de análise, pela acentuada pobreza e fornecedora de trabalhadores.

## 1.2 Considerações sobre os significados de pobreza

A pobreza na América Latina contrasta com o desafio na promoção dos direitos humanos, desenvolvimento e proteção social. Por conta da complexidade do termo e sem pretensões de construir uma vasta revisão bibliográfica, o estudo adotará um tipo de pobreza que mais se aproxima da realidade investigada, sendo assim, ela é urbana e multidimensional. Em Salvador a questão da pobreza vai além dos limites da área periférica.

A abordagem sobre pobreza tem duas concepções teórico-metodológicas distintas. Uma é a perspectiva quantitativa de origem monetária que destaca o poder de consumo para suprir as necessidades básicas. Outra perspectiva busca ampliar a abordagem a partir de outros elementos (multidimensionalidade) como o acesso à cultura, lazer, consumo, educação, participação social, democracia, saúde e cidadania.

Apesar da relevância em avançar na compreensão de pobreza a partir da renda, ainda sim é uma questão complexa de se definir e entender, em virtude da heterogeneidade social. As definições generalistas esbarram em padrões de vida e diferentes necessidades em contextos socioeconômicos. No caso do Brasil, as diferenças regionais implicam em características específicas nas condições de vida e produção da pobreza.

Kliksberg (2003) destaca a metodologia utilizada para medir a pobreza na região latino-americana, observando possíveis equívocos na leitura sobre as condições precárias de vida das pessoas, uma vez que as linhas de pobreza utilizadas nos países desenvolvidos são normalmente maiores que na região. Enquanto a definição de “pobreza relativa” está compreendida a partir das necessidades a serem superadas em função do modo de vida específico da sociedade em questão, a “pobreza absoluta” está vinculada as questões de sobrevivência física, ao mínimo vital (ROCHA, 2003; SINGER, 2001).

A “linha de indigência” aponta semelhanças com a noção de “pobreza absoluta”, ao passo do mínimo vital depender diretamente de um mínimo de

renda. A “linha de pobreza” correlaciona com a “pobreza relativa”, uma vez que ambos os termos aproximam elementos de situações de privações específicas e de difícil mensuração, evidenciando especificidades de cada contexto social no qual os sujeitos estão envolvidos. Mesmo não apresentando limites teóricos definidos entre as formas de privações, as situações sociais de milhares de pessoas induzem a pensar uma cidadania fragilizada.

Ao serem perguntados sobre a condição de pobreza, os jovens informaram que se consideram pobres e essa noção está relacionado ao baixo poder de consumo que dificulta o acesso a determinados bens materiais. Segundo alguns relatos de entrevistados(as), “Me sinto pobre porque não tenho dinheiro para comprar as coisas que quero, só tenho dinheiro para comprar o básico. Uma casa, nem todo mundo tem condições de comprar.” Isso indica que a compreensão sobre pobreza para eles é associada ao poder de consumo familiar. Continuando com as falas dos entrevistados, miserável é “aquela pessoa que não tem nada, que passa fome todo dia, depender dos outros para comer.”

A compreensão do grupo juvenil está afinada com as interpretações dos autores acerca da situação de indigência e pobreza. A noção de pobreza para os entrevistados está associada diretamente a um nível mínimo de consumo. Acredita-se que mesmo convivendo com certas dificuldades sociais que envolvem a ampliação da interpretação do fenômeno, o consumo parece ser o caminho mais imediato para a realização de uma vida com menos privações.

A noção que os jovens têm sobre o tema sofre influências de uma sociedade em que a cidadania se dá por meio do consumo, o que dificulta perceber outras possibilidades de acesso, direitos e oportunidades. A compreensão sobre a pobreza deve ter um caráter amplo, abarcando questões sociais e políticas, além do Estado responsável pelo bem-estar coletivo (STAVENHAGEN, 1998: 03).

Apesar de ter pobres em toda cidade, é na periferia que eles se encontram, criando a partir disso, um espaço que lhes é próprio e compõe a expressão mais clara de seu modo de vida (CALDEIRA, 1984). Apesar de não

ser suficiente para explicar a pobreza, a renda oferece subsídios analíticos para o desdobramento de outras questões. Há situações de vida diversas entre os pobres, sobretudo quando analisado os diferentes espaços sociais de uma cidade. As modalidades de segregação socioespacial (PRETECEILLE; VALLADARES, 2000) representam um ponto de investigação importante na ampliação das formas de desigualdade e atuação das pobreza.

Os sentimentos de incapacidade gerada pelas formas de pobreza local se difundiram pelo mundo, percebidas, sobretudo, nos países do Sul. Uma pobreza produzida pelo modo como o mercado internacional se organiza. A difusão incompleta e proposital do capital por meio da informação criam imaginários sociais que tornam lugares mais atraentes que outros. Isso implica nas dinâmicas de deslocamentos populacionais, tanto na escala mundo, por motivos de necessidades econômicas e proteção social, quanto dentro da cidade, ao buscar emprego.

A natureza hierárquica da Divisão Internacional do Trabalho, baseada nos padrões de desenvolvimento tecnológico implicam diretamente na produção das formas de pobreza. Para Santos (2010: 72-73), essa é uma pobreza estrutural globalizada, naturalizada e que é politicamente produzida pelos atores globais com a colaboração de governos nacionais, “Deixa-se de ser pobre em um lugar para ser pobre em outro. Nas condições atuais, é uma pobreza quase sem remédio, trazida não apenas pela expansão do desemprego, como, também pela redução do valor do trabalho”.

A manutenção da pobreza pode ser um negócio lucrativo do ponto de vista de muitos governos e instituições financeiras. Isso porque combatê-la tornou-se um ponto de pauta de agendas políticas em épocas de eleições. O discurso de enfrentamento a pobreza resulta num instrumento de manobra partidária, gera dinheiro para empresas privadas, alimenta a corrupção e fomenta a desigualdade social, por isso não ser relevante resolvê-la, para alguns. Davis (2006) e Santos (2010) fazem críticas à produção da pobreza por meio de financiamentos de empresas e instituições globais que investem em supostas criações de soluções de combate a pobreza urbana, mas que na verdade, com a colaboração passiva ou ativa de governos locais, fomentam um

dogma neoliberal de privatização, especulação imobiliária e exploração da pobreza.

As “linhas” que medem os níveis de pobreza internacional são estipuladas pelo Banco Mundial, sob a influência dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. As “linhas” servem de parâmetros para criação de políticas sociais de redução da pobreza e no caso do Brasil as políticas de distribuição de renda tem sua diretriz no Plano Brasil Sem Miséria<sup>6</sup>. Observa-se que a cotação do dólar sofre variações e isso atualiza anualmente os valores que redefinem as linhas de pobreza e miséria no país.

O documento “Comunicados do IPEA (número 159) - Duas décadas de desigualdade e pobreza no Brasil medidas pela PNAD/IBGE” publicado em outubro de 2013, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada revela que a pobreza no país, no período de 1992-2012, diminuiu consistentemente, resultado do aumento da renda domiciliar per capita e pela queda da desigualdade social.

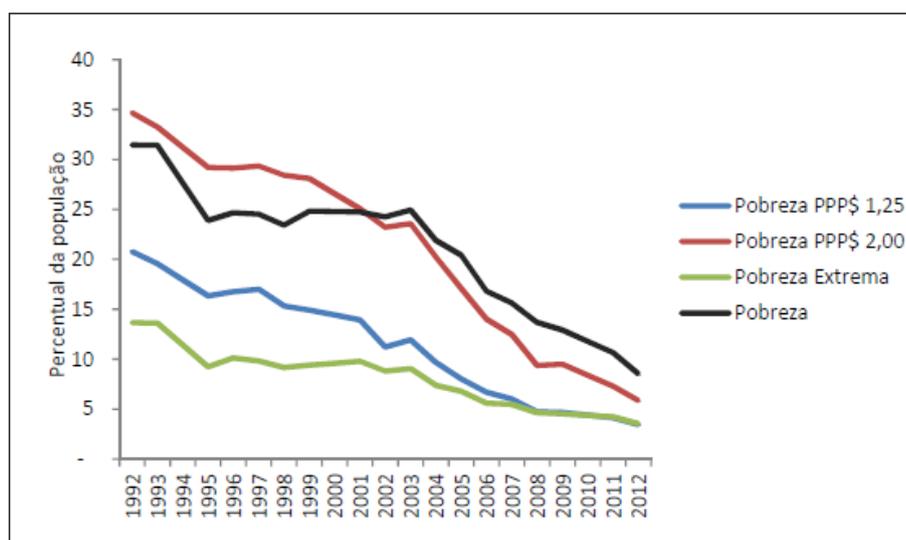
A figura 1 informa que nesse mesmo período de duas décadas, houve uma redução da pobreza medida pela proporção de pobres, diminuiu de 13,7% para 3,6% e a pobreza reduziu de 31,5% para 8,5%. O teor das informações do documento expõe a redução da pobreza a partir da dimensão econômica, utilizando as “linhas” de pobreza do Plano Brasil Sem Miséria, ajustadas pelo INPC<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Em 2011, o Governo Federal lançou por meio do Decreto nº 7.492, o Plano Brasil Sem Miséria com o objetivo de superar a extrema pobreza até o final de 2014. O Plano se organiza em três eixos: I – garantia de renda, para alívio imediato da situação de extrema pobreza; II – acesso a serviços públicos, para melhorar as condições de educação, saúde e cidadania das famílias; III – inclusão produtiva, para aumentar as capacidades e as oportunidades de trabalho e geração de renda entre as famílias mais pobres do campo e das cidades. Essas informações podem ser encontradas no site: [www.brasilsemmiseria.gov.br](http://www.brasilsemmiseria.gov.br)

<sup>7</sup> O Índice Nacional de Preço ao Consumidor foi criado com a finalidade de orientar os reajustes de salários dos trabalhadores, tendo como abrangência territorial as principais cidades brasileiras. Informações extraídas no endereço eletrônico: <http://www.portalbrasil.net/inpc.htm>

Figura 1: evolução da pobreza segundo a proporção de pobres, 1992-2012



Fonte: Comunicados do IPEA (número 159) - Duas décadas de desigualdade e pobreza no Brasil medidas pela PNAD/IBGE (2013).

Porém, garantir um mínimo de renda aos pobres com referência nos valores monetários indicados pelo Banco Mundial, não garante de imediato melhores condições sociais e não serve para explicar situações de pobreza na região.

A renda compõe um conjunto de variáveis que explicam diferentes pobreza e não deve ser encarada como critério único. Ter um mínimo de poder de consumo não garante ampliação das liberdades individuais e nem participação social, política e civil. A realização de estudos dessa natureza inclina-se para dar respostas às instituições de governo que a financiam e pouco tem preocupação com os reais entraves e avanços ao considerar a pobreza como multidimensional.

Ao buscar ampliar a mensuração da pobreza na região de forma multidimensional, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe considerou além da renda, acesso das pessoas a serviços básicos como segurança, água potável e saneamento. Diante desse entendimento, o Panorama Social da América Latina 2013, elaborado pela CEPAL, baseado nas

linhas de pobreza do Banco Mundial informou que desde 2002 a pobreza na região caiu quase 16% e a indigência ou pobreza extrema reduziu 8%. Em 2012 cerca de 164 milhões (27,9%) de pessoas encontravam-se em situação de pobreza. Deste total, 68 milhões (11,5%) eram considerados indigentes. Segundo o relatório, a Venezuela é o país que apresentou a maior redução de pobreza entre onze países investigados, há quatro anos.

Apesar de alguns países avançarem de forma mais acelerada na redução da pobreza na região, ainda é preocupante as condições de privações de milhares de sujeitos. As políticas públicas de distribuição de renda no Brasil vêm se destacando no combate a desigualdade. No entanto, mesmo considerando a relevância de políticas sociais de distribuição de renda, a exemplo do Programa Bolsa Família, a relação com o dinheiro não é suficiente para explicar a condição de pobreza, envolve um universo de variáveis não mensuráveis que encontram explicação também quando se trata de preconceito, discriminação étnicorracial, por localidade, intolerância religiosa e outros.

A medida da pobreza é dada antes de mais nada pelos objetivos que a sociedade determinou para si própria. É inútil procurar uma definição numérica para uma realidade cujas dimensões – agora e no futuro – serão definidas pela influência recíproca dos fatores econômicos e sociais peculiares a cada país. Além do que um indivíduo não é mais pobre ou menos pobre porque consome um pouco menos ou um pouco mais (SANTOS, 2009b: 18).

Para o autor, mais que a tentativa de definição numérica, a questão da pobreza é política. Envolve um modo de vida relacionado a um conjunto de situações que implica em instabilidade econômica, política e de direitos humanos, daí ser um problema social complexo. Não é possível tornar sinônimos as categorias pobreza e periferia, uma vez que a pobreza é uma situação planejada e fomentada, enquanto que a realidade na periferia expressa um estilo de vida, um cotidiano que tem sua explicação para além da renda e hierarquia urbana.

A pobreza no país atinge em sua maioria os negros. O fenômeno é fruto de uma desigualdade estruturante desde os tempos da escravidão. Isso quer dizer que ela tem um marco histórico, de origem colonial. Campos (2005: 51) afirma que a favela<sup>8</sup> surgiu no espaço urbano do Rio de Janeiro, final do século XIX, onde o fim da abolição resignificou o quilombo enquanto espaço de resistência para a função de favela.

O fim da escravidão no Brasil não garantiu que a população negra tivesse as mesmas possibilidades de inclusão social e econômica, apesar da abolição ter colocado os negros numa situação de igualdade política e civil em relação aos demais cidadãos (THEODORO, 2008: 37). A Lei de Terras<sup>9</sup> e a imigração europeia<sup>10</sup> foram mecanismos efetivos na manutenção das relações coloniais e aprofundamento das disparidades sociais, onde a concentração da população não-branca em regiões pouco dinâmicas contribuiu no atual quadro das desigualdades sociais.

Os legados deixados pela escravidão criaram barreiras sociais que põe em destaque dois tipos de sujeitos: os que sempre possuíram uma cidadania plena (o branco) e àqueles que lutam por direitos básicos (negros, pobres e indígenas). As diferenças entre determinados grupos sociais que constroem trajetórias de vida diversas, baseadas em oportunidades e condições diferenciadas de mobilidade social reflete diferentes inserções na divisão social do trabalho (KOWARICK, 1975), onde uma parcela da população tem problemas efetivos de participação na sociedade de modo que satisfaça demandas sociais específicas a ela.

De acordo as informações da Síntese de Indicadores Sociais (SIS): uma análise das condições de vida da população brasileira – 2015, realizado pelo

---

<sup>8</sup> Andreilino Campos (2005: 63) vê a favela como uma transmutação do espaço quilombola.

<sup>9</sup> Theodoro (2008: 38-39) acredita que a promulgação da Lei nº 601/1850, a chamada Lei de Terras operou uma regulação conservadora da estrutura fundiária no Brasil. A referida Lei teve a intenção de dificultar o acesso da população negra à terra. Com dificuldades de acesso à terra, o trabalhador livre se viu forçado a permanecer trabalhando nas fazendas.

<sup>10</sup> Com investimento público, a imigração europeia alterou o perfil do trabalhador na zona rural e urbana, aprofundando o processo de marginalização da população negra nesse novo contexto econômico (p. 40).

IBGE, a acentuada desigualdade de rendimentos segundo a cor ou raça da população atingem de modo mais desfavorável os que se declaram pretos e pardos. Enquanto os afrobrasileiros representam 76% das pessoas entre os 10% com menores rendimentos e 17% no 1% com os maiores rendimentos, os brancos eram quase 80% no 1% mais rico, em 2014. Nos últimos anos houve uma tímida redução das desigualdades sociais entre homens e mulheres e negros e brancos, porém, ainda são marcantes as diferenças de condições sociais entre gênero e perfil étnicorracial, caracterizando a sociedade brasileira e os países latino-americanos.

No caso das periferias urbanas, os jovens brasileiros compartilham certas experiências sociais com jovens peruanos, equatorianos e venezuelanos, por exemplo, ao passo da pobreza urbana incidir diretamente na mobilidade social, nas perspectivas profissionais, subjetividades e na própria sobrevivência do sujeito e da família. A saída da escola para exercer alguma atividade profissional, a entrada no mundo do crime, baixa autoestima e sonhos pessoais como uma moradia melhor e ingresso na universidade, podem ser situações em comum de jovens vindos de contextos estigmatizados na América Latina.

### **1.3 Os desafios teóricos sobre juventudes**

Pesquisar os jovens na periferia urbana de Salvador é entender as especificidades de um grupo social, e não de um indivíduo. Os jovens investigados são uma representação do universo juvenil dos bairros São João do Cabrito e Plataforma e da cidade soteropolitana. O lugar, suas expressões, linguagens, identidades e como o jovem se relaciona com outros sujeitos e grupos em que pertence indica a dificuldade de se chegar a um consenso.

Cada juventude apresenta uma forma de ver, sentir e conviver no mundo, uma vez que constitui, também, momentos de reflexão, perspectivas, questionamentos e descobertas. A pesquisa adotará uma compreensão

sociológica do termo, no qual evidencia que cada jovem representa uma percepção de mundo, onde as experiências sociais de cada sujeito ou grupo juvenil reflete contextos e práticas que particularizam suas trajetórias de vida.

Segundo Novaes e Vannuchi (2004: 10), “*Juvenis* vem de *aeoum*, cujo significado etimológico é ‘aquele que está em plena força de idade’”. Ser jovem numa sociedade capitalista é fazer parte de uma representação de sujeito que reflete uma espécie de “vitalidade” social desejada pelo presente padrão de consumo. De modo geral, a condição de jovem está associada a mudanças de comportamentos e papéis sociais, como passagem para a vida adulta, ingresso profissional e independência financeira.

No entanto, em sociedades tradicionais de forte oralidade e sem escrita, esse período da vida expressa outro significado, tanto para o sujeito, quanto para o grupo no qual pertence. Os rituais de passagem para a vida adulta permitem simbolizar experiências socialmente compartilhadas. As marcas sociais registradas nos corpos, por meio de cicatrizes, legitimam o ingresso no mundo considerado do adulto (SARTI, 2004: 124).

As experiências sociais distintas citadas acima são exemplos que apontam para a complexidade acerca da definição da categoria. Acredita-se que a dificuldade em conceitua-la vem da heterogeneidade social. Por isso ser uma categoria social, ao passo de cada experiência humana, especificamente nessa fase da vida, tanto individual quanto coletiva, evidencia um universo de sentidos e complexidades que aponta semelhanças, sobretudo, diferenças sociais e de análise. Os jovens na periferia de Salvador se diferem de jovens que vivem em outras periferias e daí por diante. Cada lugar é marcado por uma singularidade, mas os lugares podem se conectar por meio de experiências de vida compartilhadas, sobretudo no urbano.

A discussão sobre esta temática induz a importância de repensar a categoria. Ao longo dos anos, a juventude vem sendo entendida como uma fase de profundas mudanças no modo de agir, pensar e conviver. Para a Organização das Nações Unidas e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é considerado jovem a pessoa que se encontram na faixa etária de

15 a 24 anos de idade. Já para a Organização Internacional do Trabalho e Secretaria Nacional da Juventude, jovens são pessoas que se encontram na faixa etária de 15 a 29 anos. No caso da PNAD, são reconhecidos enquanto jovens sujeitos de 18 a 29 anos.

De acordo ao Censo do IBGE de 2010, as pessoas de 15 a 29 anos de idade representam 26,9%, da população no país, um total de 51 milhões de jovens, aproximadamente. No município de Salvador, os jovens dessa idade representam 28,2 % do total da população soteropolitana. Numa outra perspectiva, alguns teóricos acreditam na complexidade social que compõe cara grupo juvenil e nas abstrações e ações produzidas por essa categoria social. Nesse sentido, segundo Junqueira (2006: 26)

Ao se falar de jovens, alvo por excelência das políticas educacionais, é preciso antes reter que a juventude, longe de qualquer abordagem essencialista, constitui-se enquanto construção social, com enormes variações socioculturais, e não pode ser meramente vista ou tratada como um único grupo social, homogêneo e universal.

A juventude não é um grupo rigidamente definido. As juventudes significam, essencialmente, experiências humanas em contextos sociais específicos. A depender do enfoque, existem várias juventudes: de gênero, religião, por localidade, etnia, classe social e outros. Na maioria dos sujeitos, essa fase de transição para a vida adulta é marcada por escolhas, incertezas e perspectivas.

Os sujeitos investigados comentaram a diferença entre ser jovem e ser adulto. Para eles, o adulto tem mais experiência e responsabilidade que o jovem, “Quando se é adulto, errar é mais focado. O errar fica mais perigoso com os anos. O adulto não quer mais perder tempo”. Ainda comentaram que a questão da sabedoria e liberdade diferencia o mundo dos adultos do universo juvenil. O status de jovem perpassa pelo reconhecimento do grupo em que o sujeito está inserido, por ele mesmo e pelo comportamento que o atribuem. Esta concepção indica a existência de vários grupos, onde cada recorte sociocultural

guarda especificidades na leitura sobre o que é ser jovem. Para Groppo (2000: 7-8)

A juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a eles atribuídos. Ao mesmo tempo é uma situação vivida em comum por certos indivíduos.

Os jovens investigados compreendem seu momento de vida marcado por experiências pessoais e ajustamentos sociais que ratificam as interpretações dos autores acima. Sendo assim, foram levantadas palavras e frases como amadurecimento/modificação do corpo, liberdade, “aprender as coisas da vida”, “quebrar a cara”, “podemos escolher o que podemos ser no futuro”, descobertas, novas experiências, “problemas pessoais e sentimentais”, “os jovens querem saber de tudo”, hormônios, tesão, rebeldia e “todo sonho do jovem é ser independente”.

A conclusão no ensino médio, inserção no mundo do trabalho, a formação de núcleo familiar, independência financeira, afirmação da identidade sexual, morar fora da casa dos pais, entre outros, ratifica as ideias de Santos (2010: 437), “[...] a juventude seria marcada por ajustamentos progressivos do indivíduo aos padrões de expectativas da sociedade, os quais são sempre homogeneizados pelos *status quo* característico da reprodução social”.

Algumas décadas marcaram modos como os jovens eram visto na sociedade brasileira. ABRAMO (2007: 80-81, grifos do autor) faz alguns recortes temporais para exemplificar tais momentos. Em 1950, as ações de “delinquência juvenil” estavam relacionadas aos jovens marginalizados, imigrantes das grandes cidades, conhecidos como “classe perigosa”, estendendo-se aos setores operários integrados e de classe média. Com isso, a juventude aparece como uma categoria social potencialmente delinquente.

Nos anos 1960 e parte da década de 1970, foram marcadas por regimes autoritários, onde a juventude foi caracterizada como uma ameaça aos planos

políticos, cultural e moral da sociedade. O descontentamento do sistema político vigente da época, através de críticas fez com que algumas ações fossem criminalizadas, “movimentos estudantis e de oposição aos regimes autoritários, contra a tecnocracia e todas as formas de dominação, movimentos pacifistas, as proposições da contracultura, o movimento *hippie*”. O fim da ditadura contribuiu para que a década de 1980 fosse marcada pela apatia e desmobilização dos jovens. No entanto, nos anos 1990 a visibilidade social deste grupo social começa a mudar com a “presença de inúmeras figuras juvenis nas ruas, envolvidas em diversos tipos de ações individuais e coletivas” (p. 81-83).

Nos dias de hoje, as imagens dos jovens de periferias que os meios de comunicação reproduzem estão associadas a fatores negativos, como a violência, criminalidade, racismo, instabilidade profissional e futuro incerto. No entanto, as juventudes nessas localidades vão além dos estereótipos, revelando à necessidade de ampliar o acesso à cidadania. A juventude negra e pobre de Salvador expressa um grupo social específico de demandas particulares, envolvendo políticas públicas garantia dos direitos humanos e maior participação social.

O próximo capítulo iniciará um recorte analítico acerca de como os espaços urbanos podem ser ressignificados, a partir de práticas sociais de um grupo social investigado. Diferente do capitalismo moderno atuante na região que engendrou como caminho mais difundido a reprodução do espaço urbano, calcado em hierarquias e desiguais distribuição de condições de infraestrutura e equipamentos urbanos, os jovens veem a periferia não somente como um espaço concreto, mas, sobretudo, um ambiente social singular, que se destaca pelas práticas culturais juvenis, lugar essencial para as sociabilidades e sentidos modelados por desejos, necessidades e expectativas.

## CAPÍTULO II - A CIDADE E OS JOVENS

O centro e a periferia são partes dos produtos da dinâmica espacial. No entanto, para além dos aspectos físicos, a organização física da cidade interage com os universos subjetivos construídos pelos grupos sociais. Mais que um mecanismo físico, a cidade é um estado de espírito, um produto da natureza, sobretudo da natureza humana (PARK, 1976: 26). A concepção dos jovens investigados sobre os bairros onde vivem denotam territórios marcados por um conjunto de códigos, valores e representações. Nesse sentido, a cidade poderá ser compreendida como um campo social heterogêneo e complexo, percebido pelas suas contradições sociais e expressões humanas.

As transformações urbanas são dinâmicas e as atuais configurações espaciais nas cidades revelam que em Salvador a pobreza não está concentrada em suas bordas e periferia e pobreza são fenômenos originalmente distintos. A desigualdade social, através de processos históricos, especulação imobiliária, níveis insuficientes de renda e cidadania incompleta empurram as populações pobres e negras para áreas menos privilegiadas por ofertas de serviços, infraestrutura e direitos humanos.

A situação se agrava quando os estereótipos relacionados à cor e renda vão além, estabelecendo uma relação entre pobreza, cor, criminalidade, racismo e mortalidade. No caso dos jovens soteropolitanos, os sentimentos relacionados ao atual momento da vida são modelados pelas dinâmicas sociais que criam significados positivos e negativos no processo de formação pessoal, profissional e ao longo da vida.

## **2.1 A escola de Chicago e o pensamento sobre a cidade**

As limitações da presente pesquisa exige realizar um recorte temporal acerca do pensamento sobre a cidade. Com isso, o século XX destaca alguns sociólogos que herdaram o pensamento da Escola de Chicago como Becker (1996), Coulon (1995) Simmel (1976) e Wirth (1976).

A Escola de Chicago trouxe contribuições teóricas relevantes para o pensamento sociológico contemporâneo ao pensar novas questões urbanas e estimulou avanços metodológicos no campo das pesquisas empíricas, sobretudo com a historiografia, considerada uma metodologia original. Para Coulon (1995: 07) entende-se por Escola de Chicago um conjunto de trabalhos de pesquisa sociológica realizados no período entre 1925 e 1940, por professores e estudantes da Universidade em Chicago, nos Estados Unidos. O surgimento de uma Escola de Sociologia decorreu-se pela necessidade de compreender as transformações sociais na cidade de Chicago, procedentes da diversidade étnica da população formada em partes por imigrantes e seus descendentes, violência urbana, delinquência juvenil, aumento do desemprego e outras situações.

O tratamento conceitual sobre a cidade moderna adotada pela Sociologia de Chicago analisa as transformações sociais locais e sua estrutura urbana. A influência da dinâmica da cidade no cotidiano dos sujeitos implica investigar modos distintos de vida e a própria produção diferenciada do urbano. A pesquisa adotará a definição sociológica de Wirth (1976: 96), ao expor que uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos.

Essa definição busca um caminho teórico que possibilita interrelacionar as características peculiares de cada campo científico, como a História, Geografia, Economia e estudos das Ciências Sociais na formação de um conjunto de elementos teóricos capaz de discutir como essas especificidades dão forma particular a uma associação humana. A análise sociológica de Wirth (1976: 95) compreende as características fundamentais dos diferentes tipos de

idades e entidades sociais, mesmo não detalhadas por conta da complexidade social. As contribuições do autor são essenciais para se pensar questões amplas, uma vez que a vida moderna proporcionou novas dinâmicas às cidades.

Simmel (1976) entende que o desenvolvimento da cultura moderna é caracterizado pela predominância de um espírito objetivo sobre o espírito subjetivo. A racionalidade da vida citadina, por meio da divisão do trabalho, reduziu sua consciência e estado emocional a uma vida prática. Para o autor, a lógica da divisão do trabalho dedica a maior parte do tempo do sujeito a uma vida objetiva, exigida pela natureza do trabalho em detrimento do tempo que envolve a dimensão dos valores e espiritualidade.

A dicotomia entre esses “os espíritos” possibilita fazer uma analogia com as ideias de Park (1976: 36) na diferença entre a cidade antiga caracterizada por uma fortaleza que a protegia em tempo de guerra e a cidade moderna, lugar do mercado e circulação de dinheiro que amplia suas influências econômicas e políticas em seu entorno. Quanto maior a influência do dinheiro e da divisão do trabalho na transformação da cidade, maior é o grau de um modo de vida racional. Essas questões ratifica o pensamento proposto por Vasconcelos (1999: 445), em que na “era da comunidade” tudo girava em torno da vida familiar e da economia doméstica e na “era da sociedade”, o comércio e a grande cidade dominariam a forma urbana como princípio espacial.

A conjuntura econômica local interage com os mecanismos reguladores do mercado externo, o que influencia, por sua vez, na dinâmica da economia nas cidades. Os mercados configurados em redes tornam às fronteiras cada vez mais políticas e as cidades se consolidam como espaços do consumo, do trabalho, das contradições socioespaciais e complexa heterogeneidade social. O capitalismo rentista exerce papel relevante nos fluxos desiguais de capitais e constitui-se como um componente econômico característico das grandes cidades global atuais.

Segundo Simmel, (1976: 14) “A exatidão calculista da vida prática, que a economia do dinheiro criou, corresponde ao ideal da ciência natural: transformar o mundo num problema aritmético, dispor todas as partes do mundo por meio de

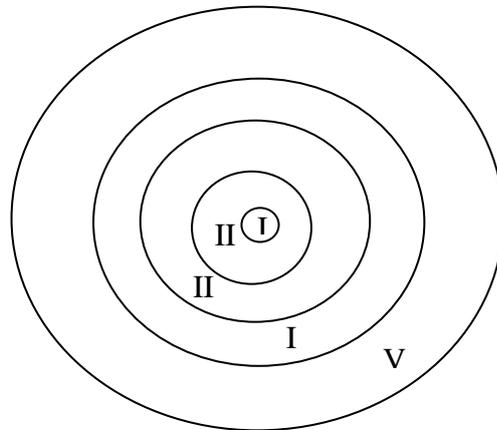
fórmulas matemáticas”. A racionalidade da vida na metrópole trouxe a individualidade pessoal, consumismo, liberdades e o anonimato como algumas das características específicas do urbanismo. Nessa perspectiva, a cidade é o “local de mercado” (WEBER, 1976: 69-70) e a “mais alta divisão econômica do trabalho” (SIMMEL, 1976: 21). No entanto, observar a cidade somente como o lugar da circulação da moeda implica numa leitura limitada sobre o urbano. A linguagem monetária sobre a cidade se tornou hegemônica e a depender da classe social e perfil étnico-racial, “um sujeito tem mais valor que outro”. A vida no urbano é medida pelo desempenho na economia.

O urbanismo, como um modo de vida que desvela formas de ação e organização social em contextos específicos (WIRTH, 2005) indica uma realidade peculiar da natureza humana. A diversidade de manifestações culturais e artísticas, a liberdade de escolhas pessoais, possibilidades de realizações materiais, individualismo e organizações coletivas, configurações de valores e outros fenômenos sociais dos urbanos constituem o universo das formas de como o sujeito constrói suas práticas de sociabilidade na cidade atual. A cidade é, nesse sentido, o espaço da heterogeneidade humana.

Num primeiro momento de pensamento sobre a cidade, o esquema concêntrico de Burgess reproduz a lógica da estrutura física da cidade no início do século XX, por meio de sua divisão do trabalho e hierarquia espacial. Porém, não é a única possibilidade de compreender a forma e conteúdo urbano. Outras interpretações são possíveis, se analisar o centro e periferia para além do econômico. As práticas culturais juvenis resignificam os espaços urbanos, tornando-os territórios simbólicos, carregados de sentidos e subjetividades.

Na década de 1920, Burgess elaborou um artigo intitulado “O crescimento da cidade, introdução a um projeto de pesquisa” em que desenvolveu um esquema concêntrico para explicar a relação da indústria com as recentes transformações na cidade (VASCONCELOS, 1999: 149). O esquema representa a cidade dividida em círculos com características diferenciadas (figura 2).

Figura 2: esquema concêntrico de Ernest W. Burgess (1925)



Fonte: autor, com base em Vasconcelos, 1999: 149.

A representação espacial organizada por Burgess evidencia círculos (áreas) diferenciadas da cidade no início do século XX. I - o *Loop* (centro de negócios); II - área caracterizada pelo comércio e manufatura leve; III - local de moradia de operários; IV - zona residencial de classe alta ou bairros “restritos”; V - áreas suburbanas.

Ao realizar uma representação acerca da estrutura e crescimento da cidade, observa-se uma relação de hierarquia entre as áreas. O processo de distribuição espacial determina formas de apropriação do solo e seleciona àqueles (indivíduos e grupos) que ocupam localizações privilegiadas pelo capital e infraestrutura (VASCONCELOS, 1999). A zona central contradiz com os limites físicos da cidade. Quanto maior for à distância ao centro, maiores serão as contradições sociais.

O esquema concêntrico resgata o pensamento de Shils (1992: 53-54), ao afirmar que o centro pertence ao campo da ação, sendo esta uma estrutura de atividades, de funções e pessoas, dentro da rede de instituições. O centro, no projeto de Burgess, revela a dimensão física do espaço, um fenômeno localizado e delimitado. A centralidade do *loop* constitui-se em relação a não possibilidade de outros *loop's*.

O centro é ocupado por um grupo de pessoas específicas que representam valores e instituições hegemônicas e a natureza desse centro tende a criar uma estrutura urbana e social definida e desigualmente servida pelo capital. Nestes termos, percebe-se uma pobreza e riqueza localizada. A materialização da figura concêntrica pode ser observada em algumas cidades que se organizam entorno da lógica do capital industrial. Inclusive, Salvador já teve seu momento “excêntrico”<sup>11</sup>.

O urbano não é um fenômeno estático. Sua dinâmica é constante e as configurações espaciais tornam-se distintas e em comum com outros urbanos. Hoje, a organização espacial da cidade vai além da centralidade criada pelas indústrias, como foi proposto no esquema concêntrico de Burgess (1925). A rigor, não existe somente uma natureza de centro, sendo este o econômico. As espacialidades envolvem outras dimensões possíveis e, de fato existem, como o centro cultural em Salvador (Pelourinho), o centro político nacional (Brasília), o recente centro esportivo no país por conta dos jogos olímpicos de 2016 (Rio de Janeiro) e a periferia como um “centro” para aqueles que consideram outras categorias analíticas e diferentes formas de entender os lugares a partir de seus conteúdos.

A centralidade, como fenômeno da produção desigual e combinado do capital, faz referência a condições de oferta de serviços e comércios entre cidades no contexto regional. Segundo Serpa (2011: 100-101), a centralidade constitui um movimento dialético de transformação na cidade e entre cidades, “Sob a ótica da produção espacial do comércio e dos serviços, surge, no espaço urbano-regional, uma hierarquia de centros e subcentros”.

Harvey (2005) e Santos (2004) entendem que a produção capitalista do espaço é propositalmente diferenciada, sobretudo em termos de

---

<sup>11</sup> A localização excêntrica do Centro Administrativo da Bahia (CAB), em Salvador, teve influências dos estudos da Escola de Chicago, através do ideário de uma espacialidade urbana proposta por Burgess (1925). A figura da centralidade do CAB (figura 2-49a) pode ser encontrado na página 241 na obra de Antonio Heliódório Lima Sampaio “Formas Urbanas: cidade real e cidade ideal. Contribuições ao estudo urbanístico de Salvador. Salvador: Quarteto Editorial/PPG/AU, Faculdade de Arquitetura da UFBA, 1999.”

desenvolvimento e de distribuição de estruturas materiais. A maneira como o desenvolvimento da economia brasileira foi engendrado acentuou diferenças regionais ao longo dos ciclos econômicos. A centralidade do capital-industrial no eixo Sul-Sudeste é verificada no pensamento de Corrêa (1995: 67) ao afirmar que “A homogeneização completa do espaço não é compatível com o capitalismo: a dinâmica contraditória da acumulação suscita diferentes territórios [...]”.

No caso de Brasília, sua centralidade política no âmbito nacional, está estritamente relacionada a um *sistema central de valores* da sociedade, elaborado por um grupo restrito de autoridades e uma elite que pensa e toma decisões como um todo (SHILS, 1992: 55). Sendo o “político” algo não palpável/abstrato nos leva a entender que a Capital Federal como sede do Governo nacional é, sobretudo, uma representação do poder. Diferentemente da questão físico-econômico do centro proposto por Burgess (1925), o campo simbólico da natureza política na Capital pouco tem haver com a questão espacial.

À medida que o lugar de intenso convívio do sujeito, a exemplo dos bairros de São João do Cabrito e Plataforma, se afasta do centro econômico da cidade, tende a criar um campo de significados menos “amarrados” as “regulações do sagrado”. Isso não quer dizer que, de algum modo, a periferia deixa de estar subordinada ao centro econômico. Porém, o que se percebe é a inserção de novos valores construídos pelos próprios sujeitos na localidade que criam signos e resignificam sentidos negativos que compõe o *status* de periférico.

A relação de pertencimento com o local e outras maneiras de manifestar as subjetividades permite identificar novas interpretações acerca do que entendemos de centro e periferia. As categorias se tornam fluídas e as abstrações construídas por grupos sociais juvenis resignificam os sentidos no local.

A dinâmica desigual do capital na cidade de Salvador criam hierarquias entre os bairros, influenciando nas formas de identificação dos sujeitos e na

oferta de equipamentos urbanos, serviços e infraestrutura. Sendo assim, a periferia poderá constituir um modo de vida que, mesmo estando submetida à lógica da hierarquia urbana, tem seu significado completo quando considerado os sentidos elaborados pelos sujeitos que a vivenciam cotidianamente.

## 2.2 O contexto investigado

Salvador é constituído oficialmente por um único distrito<sup>12</sup> e por dois subdistritos<sup>13</sup>. Não existe na legislação vigente a delimitação de “bairros”. A lei que divide a área interna do município (e que ainda está em vigor) é a Lei Municipal nº 1.038 de 15 de janeiro de 1960. Por não existir uma Lei de delimitação de Bairros, foram utilizados os limites físicos levantados pelo estudo “O Caminho das Águas em Salvador”<sup>14</sup>. Os dados do IBGE mostram que o município têm 163 áreas de habitação consideradas como bairros.

Para a CONDER e o IBGE, apesar da falta de lei municipal definidora dos limites dos bairros de Salvador, algumas informações devem ser consideradas como estimativas, embora o entendimento dos limites de cada bairro é obtido junto à comunidade local. O fluxo de pessoas entre os bairros, as relações de vizinhanças, parentescos e ausência de fronteiras naturais que poderiam dividir as localidades não existem, o que implica nas incertezas de muitas pessoas ao afirmarem especificamente onde moram. Muitos estudantes entrevistados comentaram que não sabiam direito em qual bairro moravam, daí a pesquisa trabalhar com os bairros São João do Cabrito e Plataforma.

---

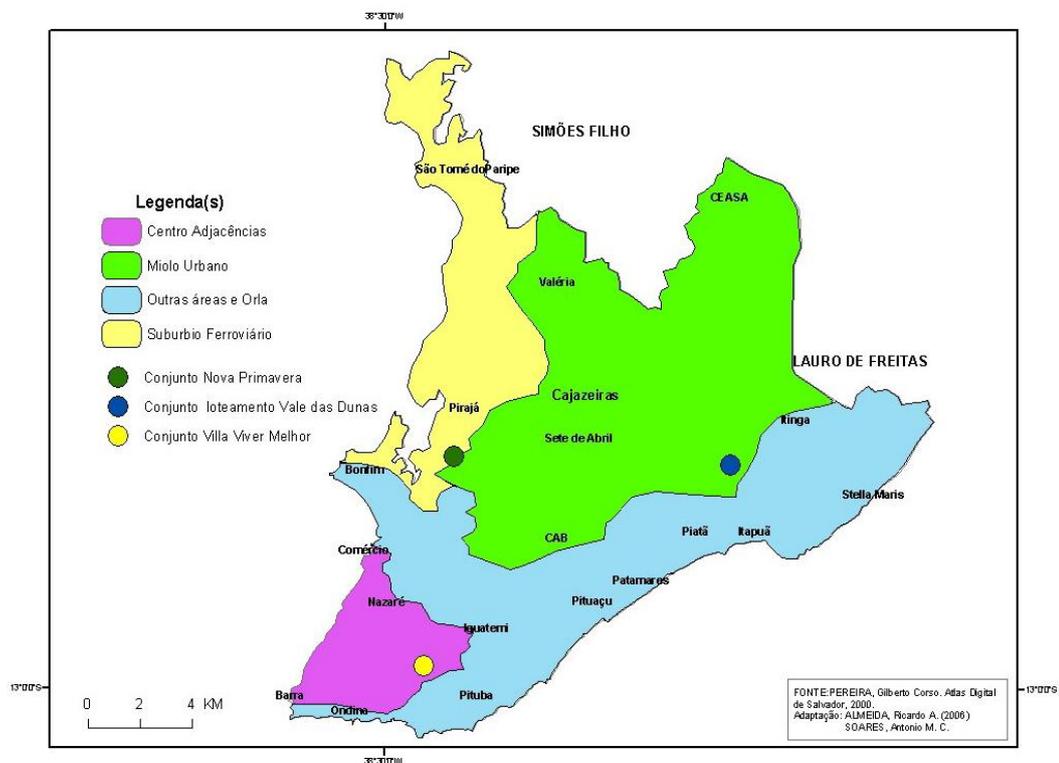
<sup>12</sup> Distritos: são as unidades administrativas dos municípios, criadas através de leis ordinárias emanadas das Câmaras Municipais e sancionadas pelo Prefeito.

<sup>13</sup> Subdistritos são as unidades administrativas municipais, normalmente estabelecidas nas grandes cidades, criadas através de leis ordinárias das Câmaras Municipais e sancionadas pelo Prefeito.

<sup>14</sup> Informações obtidas em visita técnica com a Equipe de Supervisão de Disseminação de Informações do IBGE, com uma de suas sedes na Unidade Estadual da Bahia.

A figura 3 mostra áreas que compõem o espaço urbano de Salvador. Nessa visualização zoneada, o centro é formado por bairros considerados bem atendidos por serviços e equipamentos urbanos. Numa realidade diferente, as áreas do Subúrbio Ferroviário e do Miolo urbano é visto como territórios de pobreza. A existência de níveis de oferta e qualidade no saneamento básico, serviços e equipamentos incidem de forma diferenciada entre os bairros.

Figura 3: áreas zoneadas em Salvador



Fonte: Soares, 2007.

O termo periferia absorveu novas compreensões sociológicas e pode significar áreas com infraestrutura e equipamentos urbanos de serviços deficientes, sendo essencialmente, o *lôcus* da reprodução socioespacial da população de baixa renda (SERPA, 2001).

A partir da figura 3 observa-se que o centro ou áreas bem atendidas por serviços e equipamentos urbanos e a periferia estão determinados por

condições e ofertas de equipamentos urbanos, serviços públicos e infraestrutura. O processo de urbanização segregacionista é o modelo de transformação urbano mais difundido nas sociedades capitalistas e faz das tradicionais periferias “lugar dos pobres”.

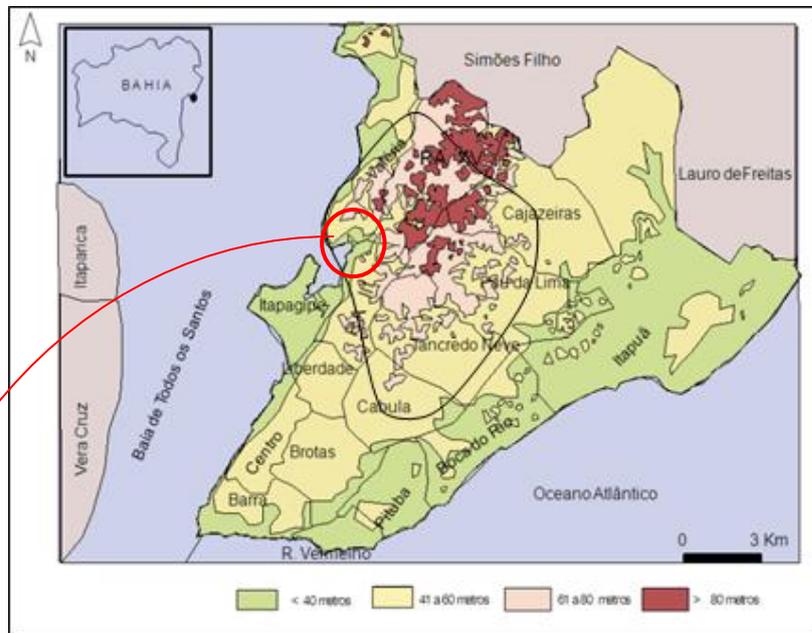
Figura 4: antiga Fábrica de São Brás no Subúrbio de Salvador



Fonte: Google, 2015.

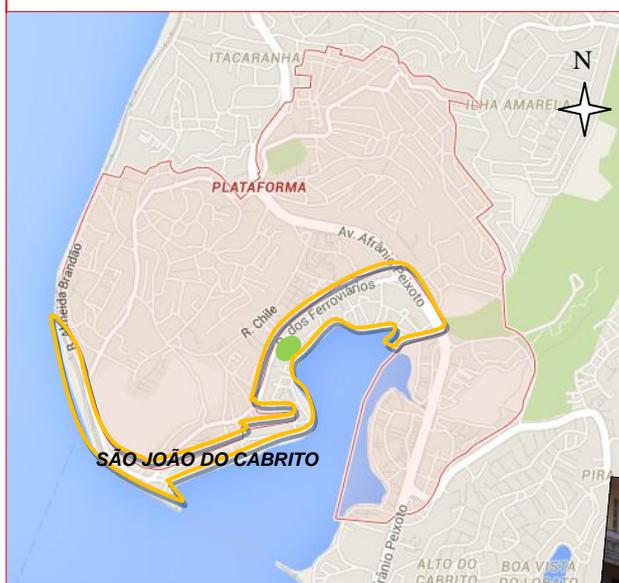
O Subúrbio Ferroviário surgiu em decorrência das transformações no arranjo espacial da cidade, sendo reflexo da industrialização brasileira, impulsionada a partir de 1950. A Fábrica de São Brás contribuiu para o crescimento da urbanização local, atraindo novos moradores e estabelecimentos comerciais e serviços. “Nesse período, as localidades de Plataforma, Periperi e Paripe constituíram-se como os primeiros núcleos de ocupação dessa área.” (SERPA, 2001: 34).

Figura 5: área de contexto investigado em Salvador



Área estimada do Subúrbio de Salvador

Elaborado por Miguel, com base na Prefeitura Municipal de Salvador, 2003, (adaptado).



Bairros investigados em destaque: Plataforma e S. J. Cabrito

● Localização do Colégio E. Bertholdo C. dos Reis

Fonte: autor, 2015.



Os bairros estão localizados num contexto de importância histórica onde ocorreu a Batalha de Pirajá em 1822, um dos principais eventos pela independência da Bahia. Somente em 1875, com a instalação da Fábrica de Tecidos São Brás a ocupação no bairro de Plataforma e, posteriormente, São João do Cabrito e entorno se consolida, pois, a fábrica era “Detentora de quase tudo o que estava relacionada à produção e ao emprego” (SERPA, 2001: 32-33).

A pesquisa de campo revelou que 63,1% se consideram negros e 16,2% se declaram brancos. A maioria (77,7%) é solteiro(a) e 86,9% mora com os pais. A quantidade de membros na família com três ou mais pessoas chega a 70,8% e 10,8% declararam ter filhos(as). Os pais representam 75,4% dos responsáveis pelo sustento dos estudantes e ocupam atividades como, empregada doméstica, marisqueiro(a), pescador(a), funcionário público, vigilante, pedreiro, pintor, eletricitista, construção civil, entre outros. Outra parcela está desempregada ou faz “bico”. Parte do perfil juvenil indique a maioria é solteiro(a), dependem financeiramente dos pais mesmo trabalhando, poucos tem filhos e as famílias dos jovens têm pelo menos três ou mais integrantes.

Os sujeitos da pesquisa são estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis (figura 6), inaugurado em 29 de março de 1981, está localizado no bairro São João do Cabrito. De acordo com as informações obtidas na secretaria do Colégio, baseados nos dados de 2015 da Secretaria da Educação do Estado da Bahia.

As dificuldades de permanecer na instituição, oriunda da saída para o mundo do trabalho, indica uma possibilidade de evasão escolar. Famílias com baixo poder de consumo, insuficiente para o acesso ao mínimo de alimento, em que o pai e/ou a mãe estão desempregados ou fazem alguma atividade laboral com renda de até um salário mínimo, compõe uma realidade que não favorece o estudante, forçando-o a inserção precária no mundo laboral para complementar a renda familiar.

As situações que justificam as saídas dos jovens da escola são amplas e podem estar relacionadas à própria relação com a instituição e questões

econômicas. No caso de muitas escolas, ha uma tensão entre as práticas culturais juvenis e o currículo escolar. Quando o estudante adentra o universo escolar, deixa de lado suas experiências de outros lugares de convívio para assumir apenas sua condição de aluno (IRIART, 2010). Os conteúdos, desassociados com o cotidiano dos jovens, contribuem para o desinteresse de muitos estudantes.

Figura 6: Colégio Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis



Fonte: autor, 2015.

A figura 6 mostra alguns ambientes do Colégio, a exemplo da entrada principal (A), biblioteca (B), uma das áreas de lazer (C), sala de aula (D) e espaço utilizado para eventos, refeitório e auditório (E). O Colégio desenvolve atividades pedagógicas com temas sobre desigualdades, racismo, cultura afro-brasileira e atividades artísticas. Nesse espaço de trocas, os jovens têm a oportunidade de criar, compartilhar atividades feitas em sala e mostrar suas habilidades artísticas.

A discussão sobre as atividades pedagógicas serão retomadas mais à frente. O que se percebe é a participação da Instituição com temas que fazem parte do cotidiano da comunidade e da vida dos jovens. Um ambiente de ensino que consegue estabelecer relações entre a formação profissional com temas “transversais” que estão presente no dia-a-dia da área pesquisada parece ser um caminho relevante no Projeto Político-Pedagógico e na formação dos estudantes.

### **2.3 Os olhares dos jovens acerca das desigualdades sociais**

A desigualdade social envolve o econômico, o profissional, escolaridade, gênero, racismo, violências, direitos e outras dimensões sociais que tornam padrões de vida diferenciados. No caso de Salvador, o desequilíbrio entre situações de vida é marcante, sobretudo quando a questão envolve a dimensão étnicorracial.

Diante dos legados históricos que proporcionaram privilégios para poucos e busca da condição de cidadão pleno por muitos, a juventude afrobrasileira constitui uma parcela da população que tem dificuldades de acesso amplo aos direitos sociais. Ao buscar outras dimensões de análise que não seja essencialmente o econômico, os entrevistados percebem que a desigualdade social incide nos bairros de São João do Cabrito e Plataforma por meio da

violência policial, preconceito com os estilos juvenis e homicídios. Essas dimensões se relacionam e produzem estereótipo local.

Alguns comentários chamaram atenção no momento da realização dos grupos focais e pelo menos dois são representativos nesse momento para que se entenda como a questão da violência é incorporada no cotidiano. Dois jovens comentaram sobre situações que marcaram suas infâncias: “convivia desde pequeno, a gente cresceu junto, ficava um grupo de cinco pessoas, só ficou de bem eu e mais uma pessoa. É triste porque cresceu com você, mas está no tráfico de drogas.”, “Me lembro que estava jogando bola ontem, comprando, indo pra li, pra venda comprar bala, se encher de cárie junto e está morto”.

O primeiro comentário ressalta colocações, sobre insegurança da escola em relação ao acesso às drogas. Para eles, é comum à entrada de drogas na escola e muitos estudantes se sentem atraídos pela facilidade de ganhar dinheiro, entrando no tráfico. Na segunda citação, observou-se que alguns deram risadas. Essa situação faz parte do cotidiano dos jovens e marca suas vidas, com lembranças negativas de colegas na infância e período mais atual.

As trajetórias de vida nas periferias são plurais e a acentuada pobreza não determina os destinos das juventudes pobres, mesmo criando condições precárias. Os projetos de vida de milhares de jovens pobres nem sempre são concretizados e muitos são interrompidos por conta da violência urbana. Segundo a edição de 2015 do “Mapa da Violência – Mortes Matadas por Armas de Fogo”, entre os jovens de 15 a 29 anos, o número de mortes por armas de fogo passou de 4.415 vítimas em 1980 para 24.882 em 2012.

Entre 2003 e 2012, enquanto o número entre jovens brancos mortos por armas de fogo caiu de 23%, entre os jovens negros aumentou 14,1%. Essa comparação revela que a violência na cidade por meio do homicídio juvenil tem um alvo e esse tem cor, idade, local e sexo, sendo jovens negros e pobres de periferias. O relato de uma experiência juvenil destacou-se pela exposição de uma angústia percebida por todos, vivenciada numa situação de constrangimento feita por policiais. Para o grupo, o tratamento diferenciado da

polícia está relacionado com a desigualdade social. Segundo o relato de um jovem,

Dizem que a maior idade penal é pra todos [...], não ressalta a todos favelados porque quando o policial da viatura passa por ai, na boate do Pelourinho ou na Pituba quando passa que vê um jovem todo branquinho, nem bem arrumado, um branquinho na rua, ele vai chegar e vai aborda do mesmo jeito que aborda a gente aqui? [...] eu já apanhei muito mais que certos “carinhas” que está preso [...].

O jovem conclui sua fala, dizendo que não prestou queixa da agressão física que levou do policial porque, segundo ele, não iria fazer efeito, revelando a descrença institucional. Todos concordaram que os jovens da periferia são discriminados por causa da educação, “cor da pele”, localidade, vestimentas e outros hábitos e estilos. Logo após o comentário, o grupo o questionou acerca do estilo de alguns jovens no local, ressaltando o jeito de andar, corte de cabelo e vestimenta. Outro jovem coloca a seguinte situação: “Eu sempre andei de boa aparência, nunca sofri nada disso. Não ando como os marginais andam todo marcado (tatuagens), nunca fui parado por ladrão nenhum”. Para eles, algumas tatuagens significam formas de comunicação e significados específicos de grupos ligados ao tráfico de drogas e a polícia tem conhecimento desses códigos.

Outra jovem reforça o comentário anterior ao afirmar que há uma ligação entre signos produzidos por grupos ligados ao tráfico de drogas e a periferia: “Você vai usar a mesma coisa que o chefe do tráfico vai usar? Eu sou a cara da favela, eu sou a cara do tráfico”. Observa-se nas falas que os estilos juvenis têm alguma relação com o conjunto de linguagens que caracterizam grupos vinculados à criminalidade.

A dimensão simbólica que caracteriza a cultura juvenil e a criminalidade é distinta e não devem ser analisados sob o mesmo ângulo. No entanto, as formas de sociabilidade entre um grupo específico e a criminalidade podem produzir conexões de sentidos. As culturas juvenis nas periferias se

materializam de maneira plural e revelam um conjunto de significados específicos nessa fase da vida.

Alguns estilos juvenis são discriminados por não atenderem aos padrões de estéticas difundidos pela mídia. Inclusive, a discriminação também atua quando os estilos juvenis tomam formas de reivindicação, ao buscar novas perspectivas sociais e combater as desigualdades. Segundo o comentário do grupo no período do matutino, “estar de boa aparência” significa não compartilhar alguns dos movimentos culturais e estéticos que singularizam o grupo juvenil de áreas não privilegiadas pelo capital hegemônico.

Figura 7: expressões artísticas dos estudantes no Bertholdo



Fonte: autor, 2015.

A figura 7 expõe parte da cultura juvenil local através de imagens presentes em algumas áreas do Bertholdo. Os muros do Colégio adquirem outros significados ao representarem espaços de interação cultural. As manifestações artísticas são carregadas de sentidos e no caso investigado revelam os olhares acerca das desigualdades sociais.

As periferias na cidade estão relacionadas a um perfil socioeconômico de sujeitos como cor, escolaridade e renda. A população estimada em 2015 para Salvador é de quase 3 milhões<sup>15</sup> e os bairros investigados representam 2,1% da população soteropolitana. De acordo os dados do PNAD (2014) a população afrobrasileira<sup>16</sup> no país é maioria, ao representar 53,6%. Os brancos 45,5% e indígenas e amarelos 0,9%. Em 2010, São João do Cabrito e Plataforma abarcaram em sua população total 86,7% de afrobrasileiros, seguidos por brancos (11,1%), amarelos (1,9%) e indígenas (0,3%).

Estudos realizados pelo IBGE (2010) mostram que o contexto pesquisado representa a 4ª maior área de concentração de negros em relação à população total de Salvador, com 2,25%. A interpretação dos dados aponta que os negros se concentram, em sua maioria, em localidades não privilegiadas pelo capital e não estão necessariamente nas “bordas” da cidade. A lógica do mercado imobiliário tende a excluir populações desfavorecidas de áreas privilegiadas e/ou mantê-las em lugares não valorizados. Essa relação se configura num “padrão periférico” de urbanização que se materializa num tipo de apropriação do espaço urbano que atende aos interesses da classe dominante (SOARES, 2009: 83).

Numa relação de 163 bairros, somente 52 bairros tem um rendimento médio mensal acima de 1 salário mínimo. A partir desse recorte, quatro bairros (Patamares, Vitória, Itaigara e Caminho das Árvores) se destacam com uma média de renda mensal entre eles de R\$ 3903,31. Plataforma e São João do

---

<sup>15</sup> Informações disponíveis no site do IBGE.

<sup>16</sup> O estudo se baseia na definição étnorracial da população brasileira adotada pelo Estatuto da Igualdade Racial que considera afrobrasileiros, “pessoas que se classificam como tais ou como negros, pretos, pardos ou por definição análoga”.

Cabrito ocupam as posições 110<sup>a</sup>, com um rendimento médio mensal de R\$ 451,71, e 144<sup>a</sup>, com renda média de R\$ 336,08, respectivamente. Os três últimos bairros (Nova Constituinte, Porto Seco Pirajá e Ilha dos Frades) possuem uma média de renda mensal entre eles de R\$ 244,00 (IBGE, 2010).

No entanto, as informações extraídas dos questionários aplicados, referentes à renda média das pessoas que moram com os estudantes, contradizem as informações do IBGE (2010). Observou-se que 10,8% vive com renda média abaixo de 1 salário mínimo; 13,8% com 1 salário mínimo; entre 1 e 2 representam 20%; de 2 a 3 indicam 13,1%; mais de 3 salários mínimos compõe 7,7%; não souberam informar 8,5 e 26,1% não respondeu. Com isso, foi identificado que a maioria (46,9%) das famílias dos estudantes tem uma renda média mensal entre 1 e 3 salários mínimos, diferente da maioria dos moradores da área periférica.

A disparidade de renda em Salvador é acentuada e essa realidade influencia nas trajetórias de vida distintas entre negros e brancos, ricos e pobres. Ao passo que o rendimento médio cresce, o número de pessoas pretas, pardas, amarela e indígena diminui. Essa relação entre grupos étnicos aponta para as desigualdades sociais que caracterizam o município baiano. Se comparado o valor médio mensal, verifica-se que a população preta ganha três vezes menos (R\$ 870,00) que a população branca (R\$ 2.450,00), (IBGE, 2010).

Ao serem perguntados sobre as mesmas possibilidades para negros e brancos no mundo do trabalho, a maioria dos jovens entrevistados responderam as seguintes questões: a) os brancos têm mais possibilidades que os negros (37,7%); b) brancos e negros têm as mesmas possibilidades (18,5%); c) é difícil para todos (36,2%); d) os negros têm mais possibilidades que os brancos (3,1%); e) não respondeu (4,5%).

Os resultados da desigualdade social são evidentes na cidade e as diferenças de oportunidades laborais são percebidas no grupo juvenil investigado, onde duas dimensões de análise são consideradas: entre negros e brancos e grupos de perfil socioeconômico. A maioria entende que os brancos têm mais possibilidades que os negros no mundo do trabalho. Ao expor que “é

difícil para todos”, o grupo juvenil investigado revela que os sujeitos oriundos de periferias sentem mais dificuldades de inserção profissional em relação àqueles que vêm de localidades privilegiadas.

As possibilidades de mobilidade social incidem de modos diferentes quando se tratam de cor, renda, escolaridade e local de moradia, daí a população negra e pobre sentir os impactos negativos da desigualdade social. No caso da escolaridade, a educação ocupa lugar de destaque na emancipação do jovem que busca se inserir no mundo do trabalho e concretizar realizações pessoais. O elevado índice de analfabetismo entre os jovens soteropolitanos marca o cenário de disparidades de escolaridade entre grupos étnicos juvenis na cidade.

Nesse sentido, em 2010, do total dos jovens analfabetos em Salvador 87,2% eram afrobrasileiros. Os que possuem menos escolarização tendem a viver no limite daquilo que consideram como o essencial para a sobrevivência. As taxas de analfabetismo aumentam à medida que a idade avança. Na esfera nacional, entre as regiões o Nordeste abarca a maior taxa de analfabetismo (16,6%) e o Sul a menor (4,4%). Em 2014, enquanto que os jovens de 15 a 29 anos de idade representavam 4,4% das pessoas que não sabem ler e nem escrever, as pessoas de 60 anos ou mais de idade refletiram um percentual de 23,1% (IBGE, 2010; PNAD, 2014).

Numa sociedade de acentuada desigualdade como o Brasil, a ocupação em situações laborais mais precarizadas, sem garantias trabalhistas e que violam outras garantias de proteção social são destinadas a esse perfil de mão-de-obra. As diferenças de trajetórias de vida marcadas por sucesso de poucos e insucesso de muitos podem trazer sentimentos relacionados a incapacidades de realizações pessoais, profissionais e baixa estima, uma vez que as relações baseadas em “seletividades” (re)qualificam pessoas/grupos e locais, formando um campo complexo de disputas e tensões sociais.

Outros elementos que caracterizam as desigualdades sociais observados pelos jovens entrevistados estão relacionados às diferenças entre um bairro periférico e não-periférico: “Lá não tem tanto buraco como tem aqui. Aqui a

gente vê o rio da Bahia Azul<sup>17</sup> que leva todos os dejetos de Plataforma para a maré, entulhos. Aqui não tem nada arquitetado, nada planejado”. Os sujeitos da pesquisa entendem que o tratamento diferenciado do Estado entre os bairros oferece condições diferentes na oferta de equipamentos públicos e melhores condições de vida.

## 2.4 O lugar: o bairro e a construção das subjetividades

Repensar o significado do contexto a partir do olhar de um grupo social que é representativo do universo juvenil em São João do Cabrito e Plataforma mostra que a percepção dos jovens investigados é simbólica e o que caracteriza o lugar é o *status* e em menor grau o econômico. Para os jovens, a periferia tem seu sentido completo quando considerado elementos não concretos na relação que os sujeitos constroem com o lugar.

A interação que o jovem tem com o lugar onde vive, materializa-se através da construção de sua identidade, criação e reprodução de valores, comportamentos, expressões e estilos como o grafite, *rap* e o *hip-hop* e a formação de grupos. Nesse sentido, “o espaço é central na constituição desse sujeito, que incorpora seus elementos, como o reconhecimento e valorização da identidade da periferia” (GAMALHO; HEIDRICH, 2012: 57). O lugar é uma construção social, modelado pela dimensão do simbólico e concreto. Os lugares, como espaços de interações sociais, adquirem sentidos humanos em comum e particular, o que indica modos de vida complexos. Segundo Carlos (1996: 21-22),

---

<sup>17</sup> O Programa Bahia Azul teve sua origem na década de 1990, através da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (EMBASA). O objetivo do Programa é mudar o cenário de degradação ambiental na Bahia de Todos os Santos, bem como dos centros urbanos e seu entorno.

O lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas de um conjunto de sentidos e usos. Assim o lugar permite pensar e viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando no nível do cotidiano, os conflitos que ocorrem ou ocorreram no mundo.

Na fenomenologia, o lugar é entendido como um fenômeno da experiência humana. Através dos lugares construímos nossas percepções sobre o mundo, expressamos nossos sentimentos, ações e desejos. O bairro, como espaço de particular sociabilidade, trata-se de um espaço sentido e vivido, um sistema de relações particulares que é mais que a soma de objetos ou uma localização, que nada tem haver com hierarquias de centros (Serpa, 2011: 104-105).

O bairro é uma expressão analítica do Lugar e, como categoria central para pensar novas interpretações acerca da relação centro-periferia ou da própria periferia, é um forte indicador de posição social, aponta para a dimensão do vivido, abstrações e elaboração de signos que compõem o universo subjetivo da juventude investigada.

As percepções dos sujeitos da pesquisa evidencia que seu contexto social é singular, mas também cria conexões de sentidos com outras localidades quando observado experiências sociais semelhantes. A interpretação de sentidos individuais e coletivos envolve um amplo conjunto de significados e combinações de e entre fenômenos históricos, culturais, econômicos e políticos ao longo dos tempos.

Em relação às percepções do grupo juvenil, ao serem perguntados sobre questões positivas e negativas (figura 8) verificadas em Plataforma e São João do Cabrito, buscou-se compreender parte das subjetividades que contribui para modelar a construção simbólica sobre os bairros. A construção de uma representação das preleções realizadas pelo grupo juvenil, através de uma nuvem de palavras, em que as mais citadas pelos entrevistados são horizontais, localizadas no centro e com maior destaque, produzidas no programa NVIVO, foi verificado que os discursos são variados e compõe diferentes significados.



identificadas como “negativas”, também num conjunto de 74 palavras, foram repetidas com mais frequência os seguintes termos: violência, drogas, transporte, assaltos e educação. As palavras que mais se destacam nas figuras evidenciam dois discursos distintos que caracterizam diferentes percepções.

Para alguns, a área é marcada por ser calma, com alternativas de lazer (praia, quadra de esporte, praças, teatro, entre outros) e vizinhança. No entanto, as contradições na organização urbana fazem parte da sua dinâmica e são percebidas pelos sujeitos da pesquisa. Outra parte dos jovens informou que o bairro é violento e as drogas contribuem para agravar os problemas sociais no local. Os jovens pesquisados compreendem a importância do seu local de vivência. O bairro, onde maior parte de suas relações interpessoais acontece, significa o lugar das primeiras experiências sociais, das relações afetivas, emoções e de intensa sociabilidade. A relação que o grupo juvenil investigado constrói com o lugar foi evidenciada ao afirmarem que gostam de continuar morando no bairro (75,4%), a minoria (13,8%) não gosta e 10,8% não respondeu.

A localidade investigada apresenta um conjunto de significados concretos e simbólicos que o torna distinto de outras áreas na cidade, reflete parte da estrutura social e como essa estrutura interage com outras estruturas urbanas. A dialética entre as áreas ocorre de modo hierárquico, onde os imaginários sociais são construídos e pautados em *status* sociais baseado no econômico e de forma “horizontal”, onde as relações entre os sujeitos perpassam pela dimensão da solidariedade, identificação interpessoal, formas de cooperação e organização coletiva.

Das quatro turmas que foi realizado grupo focal, três turmas (duas pela manhã e uma a noite) observou-se nas falas dos entrevistados que o econômico não é prioridade. Segundo uma estudante, “Estava na Universidade Baiana e me perguntaram onde você mora. Eu disse que moro em Plataforma e a pessoa falou: você gosta de morar lá? Eu disse: claro que gosto, você precisa ver as festas populares que tem lá”. Em outro comentário, “Eu gosto muito daqui porque o pessoal é feliz, contente com o pouco, mas contente”. Mesmo com as precariedades de infraestrutura urbana presente no local, não determina a saída

ou permanência de muitos jovens. As relações de pertencimento com o lugar é considerado.

A segregação socioespacial contribui para que a periferia e seus moradores tenham uma imagem negativa. Segundo Dias (2005: 94) “pessoas e locais passam a ser estigmatizados, pois morar na periferia significa estar fora do centro, adquirir o *status* da pobreza, da inacessibilidade, da precariedade”. Isso implica nas relações cotidianas e na reprodução de imaginários carregados de estereótipos que dificultam o desenvolvimento individual e local.

No caso de uma turma, no período da manhã, os elementos que se aproximam do econômico e estrutura urbana nos discursos. Para alguns, “O bairro é considerado periférico pra mídia, pra quem quiser falar, mas aqui a gente têm três transportes e o comércio vem crescendo”. Ressaltaram que os transportes (lancha, trem e ônibus) e o fato da área ser menos perigosa que muitos bairros do entorno, são questões importantes na escolha de permanecer na área e contribui para criar uma relação de pertencimento.

Acredita-se que pelo fato do comércio local estar crescendo, essa situação reforça a permanência de muitos jovens na área. A situação econômica precária tende a criar dificuldades de mobilidade territorial na cidade. No caso investigado, a dimensão econômica não determina na saída definitiva dos jovens, pelo contrário, tende a contribuir com a sua permanência na área. Embora as dificuldades de encontrar micro dados oficiais que revelem a dinâmica do comércio em São João do Cabrito e Plataforma, esse setor exerce papel relevante na renda, uma vez que a maioria dos consumidores e comerciantes é do próprio bairro.

Há um circuito econômico local que interage com circuitos de outros bairros. A dinâmica comercial nos bairros é integrada com uma cadeia produtiva que se apresenta desde o trabalho de marisqueiras, catadores de lixo e pescadores, que fornecem os resultados de seu labor para os pequenos estabelecimentos comerciais, até as influências de lojas recém instaladas, como Cacau Show e Boticário, na valorização do comércio local.

Os entrevistados acreditam que o Estado tem responsabilidade, por meio de políticas públicas, ao promover políticas mais eficazes para o desenvolvimento humano e profissional dos jovens local. Para eles, participar de atividades laborais depois do período escolar, em atividades oriundas de projetos na comunidade também significa, segundo a fala de um entrevistado “ocupar a cabeça, ao invés de ficar se misturando com pessoas de má índole”.

Os jovens foram provocados a responder como o bairro poderia melhorar e a maioria sinalizou pelo menos três questões. I - saúde, enfatizando a necessidade de abrir mais postos de saúde e universalização do atendimento para que pessoas de outras localidades possam ser atendidas. II – transporte, os jovens sentem-se incomodados com poucos ônibus que fazem linha no bairro e que o horário nem sempre é respeitado. III – violência, apesar de informarem que há bairros mais violentos, chamaram atenção para a necessidade de reduzi-la e que o tráfico de drogas e assaltos são suas preocupações principais.

As condições locais evidenciadas pelos estudantes afirmam um *status* de pobre carregado de sentido negativo, associado ao conjunto de elementos representativos que constrói uma ou múltiplas imagens negativas. Os jovens sinalizaram que há estereótipo de um cotidiano muito difundido na mídia, a exemplo do comentário de um estudante, ao afirmar que “as pessoas pensam que por serem da periferia, acham que vivemos dentro de casa e que no bairro só tem violência” e afirmaram que não sentem vergonha de serem pobres por conta das informações difundidas nos meios de comunicação.

Os olhares do grupo juvenil pesquisado sobre a periferia evidencia o bairro como uma construção simbólica carregada de ações e sentimentos que tem diferentes relações e significados. Os jovens revelaram que o lugar é mais que um produto do espaço urbano modelado pelo capital hegemônico, significa uma representação complexa de práticas e condições sociais fluidas que só tem sentido quando atribuído pelos próprios sujeitos que a vivenciam. Nesse sentido, o próximo capítulo irá destacar, além de outras questões, como a categoria subjetividade é construída quando se observa sua conexão entre o sujeito e o lugar.

## CAPÍTULO III - SUBJETIVIDADES E HORIZONTES FUTUROS

O presente capítulo pretende discorrer sobre algumas categorias representativas que compõe parte do universo subjetivo do grupo juvenil, como a percepção deles sobre participação social, os sentidos da escola, trabalho, cidadania e horizontes futuros. A subjetividade é uma categoria estudada por muito tempo e que tem seu início na Filosofia Moderna. Posteriormente, a categoria foi apropriada por outras ciências humanas, adquirindo novos contornos analíticos. Para a presente pesquisa, a interpretação sobre subjetividade é complexa, envolve diferentes percepções e experiências sociais.

### **3.1 Subjetividades e Juventudes**

A categoria subjetividade é uma construção social, modelado por processos históricos que procura estabelecer uma dialética entre o sujeito e seu contexto. Essa relação constitui um conjunto de signos representados por sentidos individuais ou coletivos relacionadas a um lugar específico ou o mundo. As subjetividades juvenis da periferia compreende um campo de significados sociais específicos. A relação entre o “eu” e “nós” é intermediada pelas dinâmicas sociais que nega o reducionismo analítico do sujeito individualista, para compreender modos de existência, interações entre sujeitos e representações sociais.

As subjetividades envolve o campo do simbólico, das experiências sociais e dos elementos das representações que o sujeito elege para a compreensão da realidade e dele mesmo, envolvendo aspectos e concepções sociais diversas (GUATTARI, ROLNIK, 1996). Os sentidos e interações por traz das representações sociais possibilita debruçar-se na análise das subjetividades. O

concreto e o simbólico dialogam constantemente e produzem novos significados sociais.

A construção da subjetividade do sujeito ou grupo social ocorre a partir de um conjunto de sentidos produzidos pelas possibilidades de cada contexto social. As abstrações de cada sujeito resulta de temporalidades específicas, combinação de fenômenos sociais e como esses processos influenciam na construção de novas realidades e experiências sociais. No caso das subjetividades construídas por um grupo social,

Representan una producción de la subjetividad social capaz de integrar sentidos y configuraciones subjetivas que se desarrollan dentro de la multiplicidad de discursos, consecuencias y efectos colaterales de un orden social con diferentes niveles simultáneos de organización y con procesos en desarrollo que no siempre van en la dirección de las formas hegemónicas de institucionalización social (DIAS; GONZÁLEZ REY, 2006: 235).

As subjetividades construídas por representações sociais indicam um campo simbólico mais amplo das subjetividades individuais, o que envolve relações de poder, instituições, entre sujeitos e diferentes processos e níveis de organização social. Dito isso, concebe um campo de sentidos que atua nos sistemas de relações interpessoais que compartilham um mesmo espaço.

Habermas (1998) comenta que Hegel utilizou a categoria subjetividade para explicar a modernidade ou o “princípio dos tempos modernos”. Inicialmente, a modernidade traduz uma mudança na organização social europeia que se desmembrou de forma mais ampla, por meio de uma nova concepção de mundo, articulada pelo mercado internacional e universalização do conhecimento europeu, traduzindo-se numa racionalização da sociedade (o individualismo, direito à crítica, autonomia e filosofia idealista).

A crise do Cristianismo e a passagem da sociedade pautada no sujeito como o centro do conhecimento justifica a abordagem da categoria subjetividade. Os valores morais que antes caracterizavam a força religiosa que sobrepujaram à existência humana são substituídos pelo reconhecimento da

liberdade dos indivíduos, da autonomia do pensar e questionar a própria existência.

Os estudos iniciais sobre a categoria subjetividades têm uma tradição originada do pensamento filosófico moderno que entende o sujeito como o princípio fundamental do conhecimento. A concepção de uma humanidade racional conduz a imaginar uma identidade do sujeito em si mesmo. No entanto, os questionamentos referentes à categoria subjetividade entram em crise na própria modernidade, uma vez que as recentes dinâmicas sociais e críticas aos fundamentos das leis universais já não eram suficientes para compreender novos arranjos sociais.

Os avanços na interpretação do termo subjetividade, sobretudo da perspectiva histórico-cultural contribuem para compreender recentes análises acerca das representações e fenômenos sociais. Sendo assim, a subjetividade constitui um sistema complexo e plurideterminado, motivado pelas redes de relações que caracterizam a dinâmica social por meio do próprio curso da sociedade e pelas pessoas que a constituem (REY, 2003).

Para as Ciências Sociais, cada grupo social produz um campo de sentidos que tem sua relação com diferentes espaços e práticas sociais. As subjetividades da juventude pesquisada são específicas porque seus sentidos são, a princípio, peculiares de uma localidade e por viverem experiências que caracterizam o ser jovem. Em cada período da vida (na infância, na juventude, na fase adulta e na velhice), o sujeito/grupo constrói um campo de significados específicos que caracterizam comportamentos sociais. A leitura sociológica sobre a categoria juventude mostra que o sujeito é formado por um sistema complexo e dinâmico de significados fluidos que tem sua origem nos estudos urbanos.

As visões de mundo dos estudantes entrevistados não se limitam na relação entre o “eu” e seu contexto social. A questão é pensar como essa relação, entre o lugar/mundo e o grupo social elaboram perspectivas, desejos, ações, sentimentos e realizações que criam um universo de elementos subjetivos. Ao longo da pesquisa foram abordadas situações que modelam e

elaboram as abstrações juvenis, como a concepção deles sobre pobreza, periferia, o lugar, desigualdades social, ser jovem, violência, discriminação e outros. A presente pesquisa não aborda somente o que os jovens pensam, parte dela é produto da própria subjetividade de um grupo social.

### **3.2. Políticas Públicas e Protagonismo Juvenil**

As políticas públicas constituem um conjunto de práticas complexas que envolvem sujeitos e ações, observada na presença ou ausência do poder público. Segundo Cavalcanti (2012: 30-31), “as políticas são públicas quando possuem algum envolvimento com os recursos públicos que são geridos pelo poder público mesmo quando são implementadas por organizações do setor privado ou por organizações não governamentais”.

A maioria das políticas públicas voltadas para o segmento jovem buscava promover a mobilidade ascendente por meio da qualificação e inserção profissional, distribuição de renda e aumento da escolaridade. Nos dias atuais ainda se observa o modelo de políticas públicas voltadas a sanar os problemas socioeconômicos da juventude pobre e de periferias, “a juventude é focada em função de suas carências, e não de sua potencia” (LEITE, 2011: 74).

Nos grupos focais, quando perguntados sobre o que entendem de políticas públicas de juventudes, a maioria manifestou desconhecer a temática. Após uma rápida explicação e, aos poucos, apontaram alguns programas como Bolsa Maternidade, PRONATEC, Bolsa Família, SISU e Ciências sem Fronteiras. Nesse caso, os jovens sabem da existência de políticas públicas, por estarem presentes na localidade, por fazerem parte ou por almejarem algum desses. Mas, ninguém participa da elaboração das políticas específicas para a própria juventude, são somente alvos.

As políticas públicas voltadas para os jovens pobres vindas da esfera federal, estadual e municipal podem não ter resultados satisfatórios na oferta de oportunidades. No entanto, acredita-se que a fomentação de diálogos horizontais no desenvolvimento de políticas públicas de juventude, entre jovens e o governo, contribui para construir relações democráticas e de participação social, construindo pautas específicas. Apesar da necessidade de maior participação social, ainda sim, não garante mudanças estruturantes que diminuam as desigualdades sociais.

As condições precárias de vida e a ineficiência de políticas públicas podem fortalecer o protagonismo juvenil, ao buscar ampliar o universo de possibilidades, maior participação social e combate a pobreza. Segundo Junior (2004: 03) “O termo ‘protagonismo’ refere-se à nossa capacidade de participar e influir no curso dos acontecimentos, exercendo um papel decisivo e transformador no cenário da vida social. Exercer o protagonismo significa não ser indiferente em relação aos problemas de nosso tempo.” O autor entende que o protagonismo juvenil envolve a participação consciente do sujeito em atividades de caráter público, assumindo o compromisso com a democracia e promoção no desenvolvimento social.

Souza (2009: 20) entende que a expressão “protagonismo juvenil” significa atribuir ao jovem a principal responsabilidade do desenvolvimento individual e comunitário, capaz de decidir sua própria vida, numa sociedade que não oferece garantias. O protagonismo juvenil garante o exercício da autonomia, individual ou coletivo, diante de questões sociais mais próximas de sua realidade ou por opção. Ao ser questionado sobre a participação em movimento social 6,2% respondeu que participa, a maioria não tomar parte (86,9%) e 6,9% não respondeu. Nesse caso, o protagonismo ou alguma outra forma de mobilização social ocorre de forma individual.

Estabelecer relação entre protagonismo juvenil e sujeito como o principal responsável por sua própria transformação social, parece um diagnóstico arriscado, como no caso da juventude pobre, por ser um grupo detentor de uma cidadania em construção. Os problemas sociais existentes alimentam formas de manifestação e mobilização das minorias, no entanto, diante de uma cidadania

não completa, a capacidade de mobilizar processos de desenvolvimento torna-se parcial.

O protagonismo, no caso do jovem de periferia, pouco tem haver com uma autonomia do sujeito/grupo diante de sua realidade. Não é uma questão isolada do mundo, e sim, uma autonomia que depende parcialmente do Estado. Uma autonomia que não tem relação com uma liberdade absoluta, desvinculada de qualquer dependência, mas, uma autonomia que depende das condições oferecidas pela sua realidade (MORIN, 2003: 118).

O jovem de localidade estigmatizada, ao acreditar ser possível materializar realizações, sonhos e contribuir no processo de desenvolvimento de sua comunidade, poderá ampliar o sentimento de cidadania, um sujeito carregado de práticas sociais que tem voz e pode ser percebido a partir de suas ideias e ações. Acredita-se que diante de uma realidade que influencia negativamente nas perspectivas futuras, a noção de contrapartida está relacionada à busca de alternativas coletivas como a criação de cooperativas, participação da escola, projetos comunitários, atuação política, entre outros. A relação entre protagonismo juvenil e políticas públicas deve desconstruir uma verticalidade no processo de diálogo.

Nos últimos anos, observaram-se novas conquistas sociais para a juventude brasileira. O Projeto de Emenda Constitucional (PEC 42/2008) que incluiu o termo “juventude” no capítulo dos Direitos Humanos e Fundamentais da Constituição Federal, o Plano Nacional de Juventude, realizado em 2004, que reuniu um conjunto de metas a serem alcançados em dez anos pelas três esferas públicas, a criação da Secretaria Nacional de Juventude e a aprovação do Estatuto Nacional da Juventude, em 2013, são evidências de uma agenda de Estado preocupada em reconhecê-los enquanto sujeitos de direitos.

Nos bairros investigados a juventude revelou que o combate à violência, tráfico de drogas e melhorias no transporte e saúde são demandas específicas. Constatou-se que alguns estudantes identificaram a necessidade de mais programas de inserções profissionais na periferia, porém, a maioria tem a

percepção de que o ingresso profissional depende de uma caminhada individual, sem esperar muito dos programas sociais.

A pesquisa não buscou mapear as políticas públicas oriundas do governo na área pesquisada. No entanto, o grupo ressaltou a importância de alguns projetos sociais nos bairros (figura 9) para promover atividades esportivas e culturais como o Centro Cultural de Plataforma (1), Movimento Cultural Popular do Subúrbio (2), Quilombo do Quioiô (3), Centro de Esportes (4), Arte e Cultura César Borges, Clube Erê, Casa da Benção, Bom Samaritano, Cipó e o CRAS. Alguns participam de pelo menos um desses projetos e a maioria surgiu por iniciativa local, com exceção do Cesar Borges, Cipó e CRAS, criados pelo governo baiano.

Figura 9: alguns projetos sociais no local pesquisado



Fonte: autor, 2015.

O projeto pedagógico do Colégio Bertholdo “A África esta em nós: recontar a história, valorizar a diversidade”, realizado em 2015 teve objetivo de levar o estudante a refletir sobre a Lei 10.639/03 e analisar sua aplicabilidade, ao valorizar a cultura afrobrasileira e africana no combate ao preconceito, discriminação e racismo, oferece possibilidades de pensar questões na sociedade que tem rebatimentos na vida dos estudantes, inclusive no ingresso profissional.

O projeto envolve estudantes dos três turnos, professores, funcionários, pais dos estudantes e comunidade. Os estudantes fizeram visitas a lugares na região do Recôncavo Baiano que retratam questões da cultura negra, a exemplo da ONG Omi Dudu, Ilê Axé Ogunjá (terreiro de candomblé), sede do Movimento Negro e numa área remanescente de quilombo (Quingoma).

Os estudantes levaram roteiro de observação, questionários, máquina de fotografar e outros materiais que foram utilizados para investigar como os lugares estão relacionados às temáticas propostas pelo projeto, sob uma perspectiva de análise e leitura crítica. Os eixos temáticos do projeto são: Eu/o Outro e o etnocentrismo: Deuses/ou nada?; Juventude negra em Salvador; Movimento Negro; Remanescente de Quilombo: de onde venho? Onde estou? Para onde vou? Os resultados obtidos foram apresentados e socializados em sala, em forma de produção de relatório, painel, cartazes, jornal, entre outros.

As apresentações buscaram refletir sobre o respeito aos direitos humanos e a situação do negro na sociedade, evidenciando o racismo, discriminação, a percepção dos estudantes sobre essas situações e valorização da cultura africana e afrobrasileira na construção da cultura nacional. A proposta pedagógica abarca a intenção da Lei 10.639/03 que é um instrumento político-educacional relevante na formação dos estudantes.

A promulgação da Lei em janeiro de 2003 que altera a Lei de Diretrizes e Base da Educação, Lei 9.394/96 busca rever conteúdos e práticas pedagógicas, ao passo de tornar obrigatório o estudo da África e dos africanos, dos afrobrasileiros e suas contribuições na construção da sociedade nacional, em instituições de ensino públicas e privadas.

Em outro projeto pedagógico, intitulado Show de Talentos, os estudantes dos três turnos são estimulados a mostrar suas expressões por meio de habilidades artísticas no auditório. É realizado sorteios de premiações e alguns professores formam uma banca de jurados para escolheres os que mais se destacaram. As opiniões dos entrevistados se diferem, porém, o projeto tem alta capacidade de mobilização estudantil.

São nesses espaços de interações que os jovens conseguem mostrar suas percepções culturas, nem sempre contempladas na sala de aula. A análise dos discursos dos grupos focais revela que há um consenso ao afirmarem que o projeto oferece oportunidade do jovem expor habilidades artísticas e culturais comuns às periferias.

Figura 10: projeto pedagógico Show de Talentos



Fonte: autor, 2015.

Dentro dessa pluralidade de valores e relações, o Colégio tem seu sentido revisto ao entender que a instituição está num contexto onde as culturas juvenis procuram se reafirmarem de várias maneiras e necessidade de ser reconhecido como elemento que compõe o cotidiano no Colégio, sobretudo, o currículo escolar.

Em pesquisa de campo foi registrado momentos em que os estudantes apresentaram performances como dança afrobrasileira, teatro, esporte, música, artesanato e culinárias (figura 11). As motivações em participar do evento são variadas e envolve escolhas pessoais e coletivas. As participações dos pais dos estudantes no evento, inclusive em algumas performances, como na apresentação do judô, contribuem para aproximá-los ao cotidiano escolar.

Figura 11: performances dos estudantes



Fonte: autor, 2015.

Os projetos pedagógicos desenvolvidos pelo Bertholdo contribuem para perceber que o jovem não deve assumir a condição de receptor de conteúdos, muitas vezes distantes de suas realidades. É necessário a instituição escolar considerar o estudante como um sujeito capaz de construir conhecimento e estar atenta às visões de mundo que a compõe.

Apesar dos projetos serem específicos de um colégio, a promoção à participação coletiva dos jovens, estímulos às culturas juvenis e abordagens sobre aspectos sociais voltadas às populações negras, não devem se limitar ao ambiente escolar e substituem, em certa medida, o caráter plural que a maioria das políticas públicas direcionadas para os jovens negros e pobres deveriam realizar.

### **3.3 Os sentidos acerca da escola e trabalho**

A percepção do grupo pesquisado acerca da escola e trabalho revela tensões no convívio com a escola e a importância do trabalho e da educação. A escola é um ambiente de socialização de saberes e percepções. No caso da juventude analisada, observa-se, entre muitos, um sentimento de distanciamento entre o processo de ensino e aprendizagem e as subjetividades, percebidos em alguns comentários: “É bom estudar quando a aula não é chata.”, “Poderia ser melhor, se houvesse mais diálogo.”, “A relação deveria ser a mais junta, compactuando assim, para um melhor aprendizado.” e “Algumas matérias não contribuem para a formação futura, com exceção do português, matemática e geografia. Mas todas as disciplinas contribuem para a formação profissional”.

Quando o estudante adentra o ambiente da escola, deixa de lado suas experiências de outros lugares de convívio para assumir apenas sua condição de aluno (IRIART, 2010). A descontextualização dos conteúdos em relação às realidades dos estudantes oriundos de locais estigmatizados e que apresentam

necessidade de obter renda imediata poderá motivar o desinteresse pela escola e evasão. Embora o interesse do estudante não dependa somente dos esforços pedagógicos da instituição, o processo de ensino e aprendizado em escolas periféricas costuma se reduzir a um dos seus papéis básicos, formar trabalhadores para o mercado de trabalho reproduzindo parte da ideologia hegemônica (GRAMSCI, 1982).

O grupo juvenil entende que a escola tem um papel fundamental, vista sob dois pontos de vista. Por um lado, ao considerar relações interpessoais, “Uma relação quase que familiar, um aprendizado de vida e sabedoria.”, “Aprende a conviver com pessoas diferentes.” e “A relação entre o estudante e a escola é boa e eu gosto muito da escola.”. Por outro, ao privilegiar a percepção do sucesso/insucesso profissional, alguns estudantes informaram que “A escola para mim é uma passagem para um futuro.”, “A escola é importante para termos uma boa relação com o mercado de trabalho.” e “Estudar para ser alguém.”.

A escola significa um momento e espaço impar para a socialização dos jovens. O referido ambiente possibilita o contato com o outro, expressar emoções, afetividades e ações que nem sempre é possível no seio familiar. As falas dos entrevistados mostram que a escola deve promover uma educação que envolva uma formação de dimensões variadas: “Eu vejo como a segunda casa, a metade do dia, pela manhã, a manhã inteira aqui. Convive com pessoas de diferentes índoles e prepara para o mercado de trabalho”.

Quando perguntados sobre o significado do estudo para suas vidas (figura 12), a maioria (63,8%) respondeu que irá ajudar a conseguir um bom emprego. Outros entrevistados informaram que o estudo é prazeroso e que significa tudo para mim (21,5%). O que respondeu não gostar de estudar e que não vê utilidade na aprendizagem indica 1,6%. Alguns declararam outras questões (9,3%) e 3,8% não respondeu.

Figura 12: significado do estudo (%)

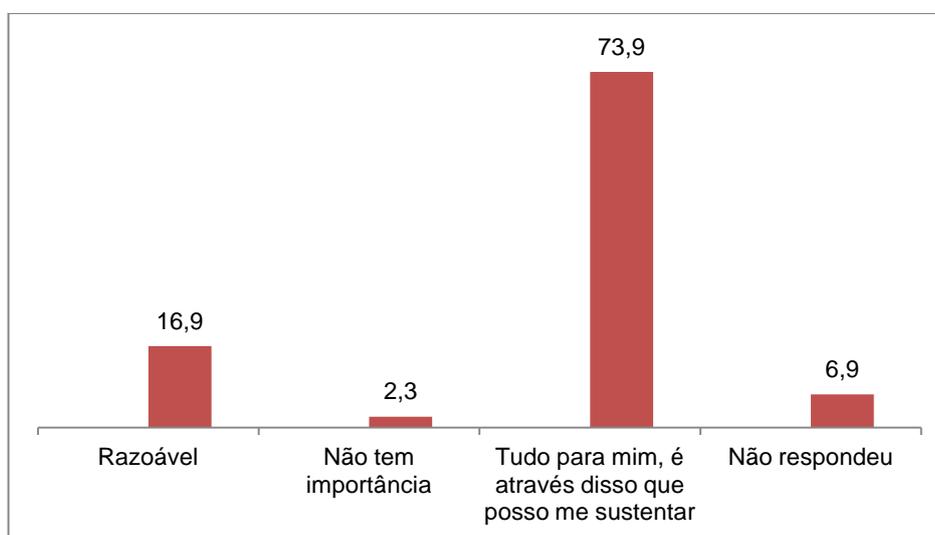


Fonte: autor, 2015.

A análise do significado do estudo aponta que a escola assume o papel encaminhar para o mercado de trabalho ou de possibilitar melhores condições sociais futuras. Ser reconhecido e adquirir novas representatividades somente pela via do trabalho descortina a emergência de diminuir a atual privação, revela a ausência de busca por direitos e expõe uma cidadania fragilizada. As precariedades sociais percebidas no contexto local revelam que a inserção profissional, através da conclusão do ensino médio e/ou continuação dos estudos tem dimensão central no presente e no futuro.

De acordo a figura 13, quando perguntados sobre o significado do trabalho para suas vidas, a maioria (73,9%) informou que o trabalho é tudo para mim, revelando a importância da categoria para suas vidas. Outras respostas podem apontar para diferentes necessidades e prioridades, ao exporem que o trabalho é considerado algo como razoável (16,9%), que não tem importância (2,3%) e 6,9% não respondeu.

Figura 13 significa do trabalho para sua vida (%)



Fonte: autor, 2015.

O trabalho e/ou estudo é visto como a possibilidade mais almejada de conseguir concretizar realizações pessoais e profissionais. O sentido do trabalho para o grupo social está relacionado à responsabilidade, independência financeira, amadurecimento, autoestima e participação nas despesas familiar. A relação entre trabalho e juventude é ampla e não restringe ao ingresso profissional. Busca-se entender as conexões de sentidos entre ambos, as condições do labor, se o jovem se sente preparado para o ingresso profissional e qual(s) motivo(s) leva-o a escolher ou ocupar determinadas atividades. Esses e outros elementos de investigação contribuem para entender as subjetividades desses sujeitos voltadas para o mundo do trabalho.

As sociedades latino-americanas são marcadas por acentuadas desigualdades sociais. No Brasil, mesmo com algumas recente conquistas sociais, como a universalização de direitos políticos e civil para as mulheres, as condições de trabalho é seletivo e distribuído de forma diferenciada para homens e mulheres e negros e brancos. Segundo as informações da SIS, de 2004 a 2014, a situação profissional das mulheres no país melhorou, entretanto, as desigualdades em relação aos homens permanecem significativas.

As mulheres são o segundo grupo populacional com maior taxa de desocupação (8,7%), abaixo apenas dos jovens (16,6%). As jovens encontram maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho, sendo que uma em cada cinco jovens está desocupada (20,8%). Além do tratamento diferenciado entre gênero, sobretudo, as mulheres negras e pobres e por localidade, o grupo ressaltou as dificuldades de buscar emprego por causa do racismo. Dentre algumas experiências individuais expostas em dois grupos focais, pelo menos dois comentários são pertinentes para compreender situações de preconceito.

Numa entrevista, menina branca e negra, 75% é pra ela e 25% pra você. Mas não pode ir com o pensamento negativo. A gente já vai com isso na cabeça, colocaram pra gente a dificuldade de conseguir. Tem que ir naquele pensamento [...] eu acredito em mim e vou conquistar.

Meu pai sempre falou comigo: minha filha, você vai sempre encontrar dificuldades por causa da sua cor. Eu encontrei um pai para fazer isso comigo, mas nem todo mundo encontrou isso. Eu tenho um exemplo na família mesmo, eu tenho um primo, mas ele não teve um pai, ele tem baixa autoestima.

Os comentários evidenciam que o racismo é um alicerce estruturante na atual organização social, do capital e implica na construção de sentimentos negativos dos negros. No imaginário do grupo juvenil, a “cor” é um componente das relações humanas que influencia, consideravelmente, em diferentes e desiguais possibilidades de inserção social e tratamento diferenciado nas relações interpessoais. Nas palavras de Joel Santos (1984: 34-35), o racismo não é produto de mentes desequilibradas, que sempre existiu ou existirá sempre. O racismo é um dos muitos filhos do capital, com a peculiaridade de ter crescido junto com ele.

### 3.4 Cidades e horizonte futuro

Num país caracterizado pelas diferenças culturais e acentuada desigualdade socioeconômica, a cidadania pela via da universalização dos direitos apresenta-se de maneira imparcial e cada vez mais relacionada à inserção profissional e consumo.

Ao criticar a tradicional concepção de cidadania a partir da necessidade de reconhecer as particularidades culturais das identidades negras na América Latina, P. Wade (2008: 121) traz contribuições para se pensar nos dilemas existentes entre os contextos latino-americanos. O autor assume o axioma de que “para buscar la igualdad se tiene que acentuar la diferencia; para lograr el universalismo, se tiene que enfocar la particularidad.”. Considerar as singularidades que caracterizam distintos grupos sociais indica, nas palavras do autor, buscar a igualdade a partir das diferenças.

A dialética entre universalismo e particularismo proposta por Wade expressa um campo de disputas. De um lado, a construção de uma identidade nacional. Um Estado, com ajuda do capital tende a universalizar os direitos sociais, sem considerar demandas específicas de populações. Por outro, os movimentos sociais, contrários à lógica da atual estrutura social modelada pelo capital hegemônico, lutam por projetos alternativos de desenvolvimento que considerem a pluralidade étnicorracial e cultural que compõe a população, novos caminhos para inclusão social e garantia dos direitos humanos das minorias, caracterizando uma luta contra-hegemonica.

Ao afirmar que a referida categoria é complexa e historicamente definido, Carvalho (2012: 8-9) entende que a noção de cidadania inclui várias dimensões e que algumas podem estar presentes sem as outras, a exemplo da liberdade de pensamento e o voto que não geram segurança e emprego, assim como a participação não garante a resolução de problemas sociais. Nestes termos, o autor informa que o ideário de “cidadania plena” desenvolvido no Ocidente combina a Liberdade, Participação e Igualdade para todos, mas talvez inatingível. No Brasil, a cidadania é historicamente particularista. Numa

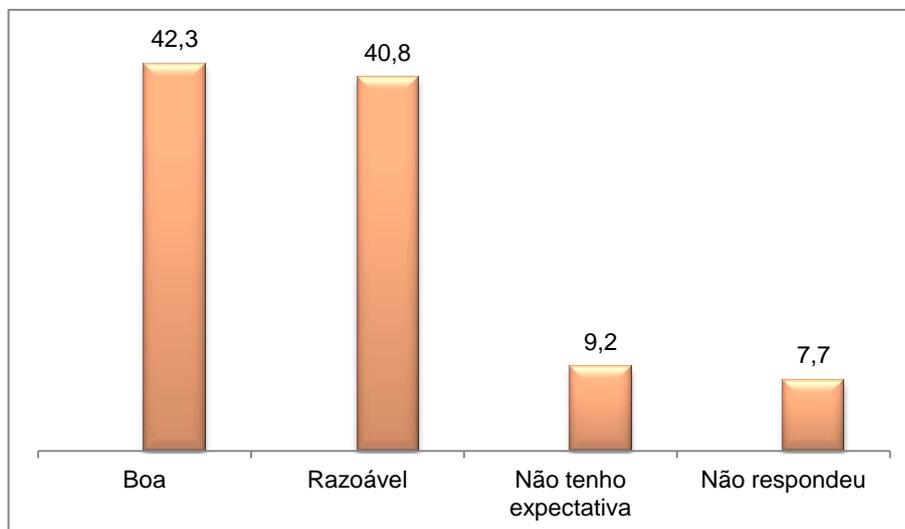
perspectiva étnicorracial, apenas parte da população brasileira já nasce cidadã e a população negra precisa conquistá-la.

De acordo com M. Santos (1997: 133), ser cidadão é ser um indivíduo completo, com capacidade de entender o mundo e sua situação no mundo e quem ainda não é cidadão, desconhece os seus direitos. M. Santos entende a cidadania a partir de um indivíduo dotado de direitos que lhe permitem afrontar o Estado. No Brasil, entretanto, o Estado afronta diariamente os negros. O horizonte de perspectivas dos jovens negros e pobres de periferias é influenciado por uma cidadania insuficiente que lhes oferece apenas restrições ao acesso de direitos básicos e esperança de melhorias futuras.

Nesta pesquisa, o “horizonte de perspectivas da juventude” é uma categoria de análise que considera as autoprojeções de futuro. Dito de outra maneira, a categoria versa sobre as expectativas, sobre o que ele gostaria de ser ou as condições de futuro que ele consegue visualizar atualmente. Pautados numa cidadania pela via da inserção profissional, verificou-se uma busca por melhores condições de vida através de expectativas positivas após o ensino médio e mobilidade social ascendente.

Quando perguntados as expectativas de ingresso no mercado de trabalho após o ensino médio (figura 14), a maioria (42,3%) respondeu que é boa e 40,8% informou razoável. Os dados apontam que mesmo diante das dificuldades de ingresso profissional devido ao mercado de trabalho restritivo, que reconhecem ser discriminatório e racista, o grupo juvenil acredita possuir boas chances de inserção no mercado de trabalho, após a conclusão do ensino médio. Somente 9,2% declarou que não tem expectativa e 7,7% preferiu não responder.

Figura 14: expectativa profissional após conclusão no ensino médio (%)



Fonte: autor, 2015.

O desejo da mobilidade social ascendente ou um horizonte futuro que ofereça menos privação foi observado em duas situações. Na primeira, para os que somente estudam, as expectativas profissionais após o término do ensino médio são boas e razoáveis e isso se reflete nas profissões que gostariam de ter, dentre elas, médico, assistente social, microempresário, marinheiro, jogador de futebol profissional, fotógrafo, dentista, contador, policial militar, eletrotécnico, administrador, veterinário, psicólogo, técnico em segurança do trabalho, professor de matemática, aeromoça e advogado.

Na segunda situação, para os que trabalham, percebeu-se a vontade de melhorar de situação laboral. Numa relação entre o trabalho atual e trabalho futuro é possível visualizar o desejo de ascensão profissional, nas expectativas como as seguintes: atualmente estagiário e deseja ser cirurgião plástico, de padeiro se tornar jogador de futebol; de jovem aprendiz a engenheiro; de ajudante de pedreiro a designer gráfico; de auxiliar administrativa a enfermeira; de vendedor a dono do próprio negócio; de atendente de telemarketing a técnico em tecnologia da informação; de garçom a segurança do trabalho, entre outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação teve por objetivo compreender como o contexto de periferia em Salvador implica nas subjetividades de um grupo juvenil. Os sujeitos são estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis. O colégio está localizado no bairro São João do Cabrito e a maioria dos pesquisados vive nos bairros de Plataforma e São João do Cabrito, localizada num contexto de periferia.

Foram abordadas categorias analíticas que auxiliaram na compreensão da realidade investigada, sendo elas, Juventudes, Periferias, Pobrezas e Subjetividades. A estrutura do trabalho está organizada em três capítulos, I – Periferias, Pobrezas e Juventudes; II – A cidade e os jovens; III – Subjetividades e horizontes futuros.

O primeiro capítulo mostra que a categoria Periferias não se reduz à perspectiva puramente econômica, apesar da teoria socioeconômica de Wallerstein (1979) se reproduzir, em partes, no nível micro. Quando aplicada no contexto juvenil investigado, a categoria adquire outros significados que a torna imprecisa, mostrando seu insuficiente tratamento conceitual para analisar a dinâmica da produção do espaço urbano, sobretudo na relação bairro-cidade.

Na lógica das hierarquias urbanas, os bairros de São João do Cabrito e Plataforma constituem umas das periferias-micro da cidade, o que torna, por sua vez, a compreensão sobre periferias dinâmica. Salvador, por estar localizada numa região fora do eixo industrial Sul-Sudeste e de acentuada desigualdade social é visualizada como uma cidade periférica no Brasil. No caso da América Latina, o capitalismo moderno impôs a condição de uma periferia-macro.

Apesar dos processos socioeconômicos e políticos heterogêneos terem tornado singulares as periferias urbanas latino-americanas, a situação de pobreza assume o papel de aproximá-las, socialmente. A periferização

conferida à região, por meio da modernização, replicou-se em graus diferenciados em seu território.

A pesquisa percebeu algumas divergências entre uma parte da literatura utilizada, de abordagem qualitativa, e os discursos do grupo juvenil. Para alguns teóricos como Caldeira (1984), Santos (2010) e Franco (2000) a pobreza deve ser analisada como um fenômeno plural, de natureza política e caráter multidimensional. No entanto, os estudantes pesquisados se consideram pobres por não poderem consumir determinados bens materiais, indicando que suas condições socioeconômicas são caracterizadas pelo pouco poder de consumo de suas famílias.

Eles não relacionam com a participação social, direitos civis e liberdades. Tampouco, se enquadram nas categorias quantitativas de pobreza. Se trata, portanto, da auto identificação produzida por subjetividades ligadas ao contexto de periferia. Para a maioria da população pobre, a renda poderá significar o indicador principal para avaliar sua realidade socioeconômica. A pobreza percebida na área de investigação não é absoluta na explicação das relações sociais no local. A busca por significados elaborados pelos sujeitos constroem novos sentidos acerca do urbano.

A categoria social Juventude costuma ser definida como um grupo social heterogêneo, em geral com idade entre 15 e 29 anos de idade, que vive um período da vida distinta de camadas da população e caracterizada por descobertas pessoais, expectativas, incertezas e ajustes a novos papéis sociais, como a busca pelo primeiro trabalho, dependência dos pais, formação de novo núcleo familiar e conclusão do ensino médio. Os arranjos sociais juvenis latino-americanos contribuem para compreender as particularidades que compõe cada realidade e as conexões de sentidos entre elas.

A pesquisa interpretou as subjetividades de um grupo juvenil específico que está em período de conclusão do ensino médio e busca de ingresso no mundo do trabalho. A compreensão dos entrevistados sobre a categoria está relacionada a experiências pessoais e coletivas, como curiosidade, liberdade, modificação no corpo, novas experiências e independência. Esse olhar sobre a

categoria está de acordo à definição sociológica, onde as juventudes representam grupos plurais, de experiências sociais distintas, onde cada grupo reflete uma percepção sobre o eu e a sociedade.

No capítulo II, dentro do campo das Ciências Sociais, as contribuições sociológicas da Escola de Chicago são relevantes para compreender algumas dinâmicas sociais originadas de estudos urbanos. Com isso, o pensamento sobre a cidade, com base nos autores influenciados pela Sociologia de Chicago possibilita analisar como as práticas culturais dos sujeitos podem elaborar novos sentidos urbanos.

Ao analisar alguns aspectos da organização social no local pesquisado, verificou-se que as áreas de pobreza não estão nas bordas da cidade, como observado no esquema de Burgess (1925), ela está por toda a cidade soteropolitana. A pobreza compõe parte do conjunto de variáveis que explica o estilo de vida na periferia. Em Salvador, o centro e periferia não estão separados pela distância física e sim por condições socioeconômicas. As contradições se revelam ao observar os níveis de oferta e qualidade no saneamento básico, serviços, equipamentos públicos, classe social, escolaridade e perfil étnico-racial.

Os bairros de São João do Cabrito e Plataforma estão localizados num contexto urbano de acentuado empobrecimento e sua população é afrobrasileira. Os entrevistados percebem a desigualdade social nos referidos bairros por meio da violência policial, preconceito com os estilos juvenis e homicídios. Ainda informaram que a construção de estereótipos não contribui para a valorização das práticas culturais juvenis nas periferias e dificultam a realização de projetos futuros. O racismo e o preconceito foram apontados como principais causas.

O Colégio Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis é uma instituição pública de ensino e apresenta alguns problemas apontados pelos estudantes, como necessidade de reformar alguns espaços e melhor relação entre alguns estudantes e professores. Os jovens veem a escola com diferentes significados. De um lado, como caminho para conseguir um bom emprego. Do

outro, um espaço de intensas relações e, em alguns casos, adquire o sentido de família.

Os estudantes pesquisados são do ensino médio e a maioria se declara negro(a), solteira(o) e mora com a família. Durante a pesquisa de campo, foram observadas duas atividades pedagógicas que buscaram desenvolver temas sensíveis na sociedade como racismo, discriminação, afirmação da cultura africana e afrobrasileira e valorização das culturas juvenis. As falas dos grupos focais ressaltaram os esforços do colégio em promover momentos de reflexão acerca da desigualdade social em Salvador e como forma de interação entre estudantes, pais, professores e funcionários. Outros elementos foram percebidos, a exemplo dos muros do colégio. Estes espaços são resignificados ao serem utilizados como ambientes que expressam as percepções dos estudantes acerca dos problemas sociais, através dos grafites, pichações e outras habilidades artísticas.

A relação que o jovem tem com o lugar onde vive é simbólica e sua subjetividade é modelada pelas condições sociais. A juventude pesquisada entende a periferia como um lugar caracterizado pelo *status* social e de diferentes relações e significados. Levam em consideração as afetividades, paisagismo, vizinhança, emoções, interação com outros jovens e grupos e possibilidades de mobilidade social ascendente, mesmo que somente pela via do trabalho, na construção de uma sociabilidade particular.

Para a pesquisa, a periferia representa um produto do dinamismo urbano, um conjunto de significados simbólicos e concretos articulados ao produzir um modo de vida que evidencia um campo de tensões sociais, subordinação político-espacial e tem seu significado completo quando considerado os sentidos elaborados por seus sujeitos.

Os bairros, como uma expressão do lugar, é uma construção social. A nuvem de palavras representada pelo programa NVIVO mostrou aspectos negativos e positivos mais destacados, a partir das percepções juvenis. A maioria prefere continuar nos bairros, mesmo com problemas percebidos, pois, a relação de pertencimento com o lugar, através da vizinhança, possibilidades

de mobilidade social ascendente e as interações entre os jovens são mais determinantes na decisão de ficar ou sair dos bairros.

O capítulo III propôs evidenciar algumas percepções dos jovens entrevistados relacionados à participação social, os sentidos da escola, trabalho, cidadania e projetos futuros. A subjetividade da representação juvenil investigada tem conexão de sentido com a condição social, caracterizada pela desigualdade e realização de desejos futuros. Diante da complexidade de investigar as abstrações de um grupo populacional, a pesquisa selecionou algumas variáveis que compõe a subjetividade de uma juventude periférica.

A categoria subjetividade é a representação das percepções e relações humanas. A construção da categoria é modelada por processos históricos entre o sujeito/grupo e seu contexto, condicionada, portanto, pelas experiências sociais particulares. Os estudos tradicionais de Subjetividade, originadas da Filosofia Moderna, entendiam o sujeito como o princípio fundamental do conhecimento. No entanto, os questionamentos as leis universais buscaram respostas particulares e, por conta disso, a categoria passou a ser compreendida como um sistema complexo de relações sociais, caracterizada pelas representações e fenômenos sociais (REY, 2003).

Consoante às visões de Gonzáles Rey (2003) e Kliksberg (2003), a juventude, enquanto grupo social plural tem diferentes significados e cada subjetividade é formada por um conjunto simbólico de interações sociais e sentidos fluidos. A juventude pesquisada tem sua subjetividade modelada pelo contexto de desigualdade social, assim como, a busca por um horizonte futuro com melhores condições socioeconômicas. Os sentidos elaborados pelos sujeitos da pesquisa acerca da periferia induz visualizar a cidade como um território de diferentes significados.

Em relação às políticas públicas de juventudes no Brasil, observa-se que ela tem um foco: promover a mobilidade social ascendente por meio de qualificação profissional e distribuição de renda. Porém, alguns autores questionam a natureza desses programas sociais ao buscar sanar parcialmente

as desigualdades sociais, sem considerar as potencialidades de cada sujeito e processos mais amplos do desenvolvimento humano.

Os entrevistados comentaram que conhecem alguns programas sociais de juventude, porém, não se veem na condição de participantes, somente como alvos. Conclui-se que não há no país uma cultura de participação de jovens na construção de políticas públicas voltadas para eles. Ainda se mantém relações verticalizadas e mesmo que houvesse maior diálogo, não garantiria possíveis mudanças estruturantes.

Os jovens informaram que o governo precisa investir mais na juventude local por meio de políticas públicas. Segundo eles, a maioria dos projetos sociais detectada nos bairros é de origem local. Porém, a possibilidade de ampliação da participação juvenil em relação ao seu contexto de desigualdade não se aplica a realidade investigada, pois, mesmo declarando *status* de pobre, a maioria não trabalha e não participa de nenhum movimento ou projeto social como caminhos alternativos no enfrentamento a pobreza.

As hipóteses são variadas e uma delas pode estar associada à renda média familiar dos entrevistados. A análise das informações obtidas nos questionários é diferente de pesquisas feitas pelo IBGE (2010). Os questionários revelaram que a renda média da maioria das famílias dos estudantes é consideravelmente maior que as famílias de Plataforma e São João do Cabrito. Estar acima da renda média mensal pode significar menos dependência com programas sociais, uma vez que os participantes do Bolsa Família representam a minoria dos entrevistados.

Apesar de as pesquisas terem sido realizadas em escalas de análise distintas, uma em dois bairros e outra numa escola, de qualquer forma, a interpretação das informações mostra que as desigualdades não estão somente nas diferenças socioeconômicas entre distintas realidades. No caso de Salvador, o fenômeno também se encontra dentro de uma área, seja ela empobrecida ou privilegiada pelo capital.

Para o grupo investigado, o sentido de escola é polissêmico e o trabalho é percebido como um horizonte desejado. Por um lado, a percepção dos jovens

é que a escola deve promover uma educação ampla, além da formação profissional. A formação educacional tem significado central para a concretização de realizações profissionais futuras. Para eles, constitui um meio de mobilidade social ascendente, ao oferecer condições de busca por emprego.

Para a juventude investigada, o trabalho irá oportunizá-los com acesso a bens materiais, contribuindo para maior representatividade no seio familiar. O sentido do trabalho para os estudantes está relacionado à responsabilidade, independência financeira, amadurecimento, autoestima e participação nas despesas familiar. A maioria dos jovens entrevistados entende que a saída da escola e o ingresso profissional é o momento mais almejado nessa fase da vida. Para eles, as dificuldades de buscar emprego, para uma juventude de periferia que está concluindo o ensino médio é marcada pelo racismo e discriminação. Informam que ser negro(a) e morar numa periferia dificulta obter ocupação formal.

A noção de cidadania reúne um conjunto de aspectos simbólicos e específicos de cada sociedade e camada social. A ideia de cidadania é, portanto, histórica e culturalmente constituída. No Brasil, para se considerar cidadania é necessário refletir sobre as desigualdades étnico-raciais e econômicas. Para os pobres e negros, a cidadania é construída no longo da vida. No entanto, é questionável se um sujeito com cidadania em construção consegue reunir condições suficientes para uma autonomia plena. Uma cidadania incompleta induz a pensar numa participação social limitada.

De acordo Milton Santos, o cidadão é o sujeito que reconhece seus direitos e que consegue afrontar o Estado. Mas, questionar a Instituição requer reunir um conjunto de recursos de natureza política, econômica e intelectual suficiente. A cidadania, segundo o olhar da juventude pesquisada é pautada pela via da inserção profissional. Apesar do olhar juvenil contrastar com a perspectiva da literatura escolhida, o contexto social induz eleger a inserção profissional como a primeira conquista de uma cidadania ampla.

Mesmo com as dificuldades de inserção profissional provocadas pela baixa qualificação, discriminação e racismo, os jovens têm expectativas

positivas de obter um emprego após o ensino médio. Apesar de a mobilidade social ascendente ocorrer através de processos amplos que envolvem diferentes meios para inserções sociais, os jovens buscam o ingresso profissional, logo após a conclusão do ensino médio, como um horizonte prioritário.

As motivações nas escolhas dos sujeitos e da área partem de motivações pessoais e técnicas. Por ser morador de Plataforma há anos, construir uma relação de pertencimento e acredito que a periferia contribui na formação de minha subjetividade. A abordagem da pesquisa de dissertação tem relação com o meu lugar de fala, enquanto sujeito negro, pobre e que valoriza as culturas de periferias. Pude vivenciar muitas situações comentadas pelos entrevistados, como perdas de colegas por causa do tráfico de drogas, discriminação ao procurar emprego, violência policial e racismo. Muitas vezes me sentir representado pelos discursos.

Ao considerar a justificativa técnica sobre o recorte social, a área investigada compõe um território de pobreza, quando consideradas as variáveis renda, desemprego, homicídio, saúde, transporte, saneamento básico, por exemplo. Com base nos microdados do IBGE (2010), mesmo que fosse escolhida outra área próxima da qual foi realizada a pesquisa, as diferenças que caracterizam as precariedades sociais não são significativas.

Em geral, os estudantes do ensino médio vivem a expectativa de conclusão escolar e ingresso no mundo do trabalho. Essa transição é comum de um grupo populacional que constrói, a partir dessa experiência social, horizontes de possibilidades e materialização. A juventude vive um momento de afirmações, questionamentos e incertezas pessoais e profissionais.

Os jovens de periferia que se encontram nessa situação são caracterizados por um período de instabilidades social. Portanto, foram selecionados jovens de 15 a 29 anos e estudantes do ensino médio de uma escola de periferia em Salvador, para compreender como a desigualdade social implica nas visões de mundo e percepções sobre seu contexto social. A

pesquisa investigou os jovens enquanto um grupo social por ser representativo ao universo juvenil local.

A aplicação de questionários e realização de entrevistas com apoio de um roteiro compõe os métodos de coletas de dados adotados. Recorreu-se a abordagem qualitativa e quantitativa, uma vez que a interpretação sobre as condições sociais e subjetividades de um grupo juvenil de periferia urbana necessita visualizar distintas leituras sobre o contexto analisado.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: FÁVERO, Osmar (Org.). **Juventude e Contemporaneidade**. UNESCO, MEC, ANPEd. Brasília: 2007, p. 73-90.

ABRAMOVAY, Mirian (Org.). et al. **Juventud, violência e vulnerabilidad social em América Latina**: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ALVAREZ, Sônia; DAGNINO, Evelina & ESCOBAR, Arturo (Orgs.). O cultural e o político nos movimentos sociais latino-americanos. In: **Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

BARBOSA, Alexandre de Freitas (Org.). et al. **Brasil real**: a desigualdade para além dos indicadores. 1ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

BECKER, H. Conferência a Escola de Chicago. **Mana** – Estudos de Antropologia Social, vol. 2, no. 2, out/ 1996, snt.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Conversando com os jovens sobre direitos humanos. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). et al. **Juventude e Sociedade**: Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 34-52.

BUTTIMER, Anna. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETI, Antônio. **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

CAMPOS, Andrelino. **Do quilombo à favela**: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CALDEIRA, Tereza P. R.. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo, Brasiliense, 1984.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re)produção do Espaço Urbano**. São Paulo: EDUSP, 2008.

\_\_\_\_\_. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CASSRIER, Ernest. **The Philosophy of symbolic Forms**. 3ª edição. New Haven Yale university Press, 1965. Disponível em: <<http://www.arts.rpi.edu/~ruiz/AdvancedIntegratedArts/ReadingsAIA/Cassirer%20Toward%20a%20Theory%20of%20the%20Concept.pdf>>. Acesso em: maio 2015.

CAVALCANTI, Paula Arcoverde. **Análise de políticas públicas**: o estudo do Estado em ação. Salvador: EDUNEB, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E CARIBE. **Panorama Social da América Latina 2013**. Disponível em: <[http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/35904/S2013868\\_es.pdf?sequence=1](http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/35904/S2013868_es.pdf?sequence=1)>. Acesso em jan. 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

CORROCHANO, Maria Carla. **Trabalho e educação no tempo da juventude: entre dados e ações públicas no Brasil**. In: PAPA, Fernanda de C.; FREITAS,

Maria V. de. **Juventude em pauta**: políticas públicas no Brasil. São Paulo: Petrópolis, 2011.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

COSTA, Rogério Haesbaert da. **Territórios alternativos**. Vol. 2. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, Contexto, 2006.

COULON, A. **A Escola de Chicago**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DAMIANI, Amélia Luisa. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. Tradução de Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006.

DIAS, Patrícia Chame. Da periferia distante à periferia próxima: notas sobre a construção de um bairro popular na região Metropolitana de Salvador. **GeoTextos**: revista de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia/Instituto de Geociências, v. 1, nº 1, Salvador: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2005, p. 87-114

DÍAS, Álvaro Gómez. Subjetividad y subjetividad política. Entrevista com el psicólogo cubano Fernando González Rey. **Revista Colombiana de Educación**, nº 50, jan./jun., 2006, p. 235-249. Universidad Pedagógica Nacional Bogotá, Colômbia. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=413635244013>>. Acesso em: set. 2015.

DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (sub)urbanos – o mal estar da periferia ou mistificação dos conceitos? **Revista da Faculdade de Letras – Geografia**, I Série, vol. X/XI, Porto, 1994/5, p. 5-18.

\_\_\_\_\_. Qualificação das periferias. **Infogeo**. Junho 2007, p. 139-143.

ESPINDULA, Brenda (Org.). **Protagonismo da juventude brasileira**: teoria e memória. 1ª edição. São Paulo: Centro de Estudos e Memória da Juventude; Instituto ArteCidadania, 2009.

FRANCO, Augusto. **Além da renda**: a pobreza brasileira como insuficiência de desenvolvimento. Campinas: Millenium, 2000.

FREITAS, Ernani Cesar de. PRADANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/fb49e996-d0e1-4839-ab46-fd1a4a781c21/Ebook%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cient%20C3%ADfico.pdf>>. Acesso em: jun. 2015.

GAMALHO, Nola Patrícia; HEIDRICH, Álvaro Luiz. “a gente é da vila, mas não é bandido!” O lugar e a juventude nas representações sociais dos jovens do bairro Guajuviras-Canoas/RS-Brasil. **Revista Para Onde?** Porto Alegre/RS, v. 6, nº. 1, p. 57-63, jan./jun. 2012.

GUATTARI, F.; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 33-149.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a Organização da cultura**. [Tradução Carlos Nelson COUTINHO]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro. DIFEL, 2000.

HABERMAS, J.. A consciência de tempo da modernidade e sua necessidade de sua autocertificação. In: HABERMAS, J. **O Discurso filosófico da modernidade**. Martins Fontes. São Paulo. 2002, p. 13-32.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Comunicados do Ipea**: duas décadas de desigualdades e pobreza no Brasil medidas pela Pnad/IBGE. n.º 159, 2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

\_\_\_\_\_. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015. Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv91983.pdf>>. Acesso em: set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional Por Amostra e Domicílio**. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>>. Acesso em: set. 2015.

IRIART, Mirela Figueiredo Santos. Juventude e escolarização nos limiares entre o rural e o urbano. In: **Bahia Análise e Dados**. v. 20. n.º 4. Salvador Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2010. p. 479-495.

JUNIOR, Fabio Barbosa Ribas. **Educação e protagonismo juvenil**. 2004. Disponível em: <[http://prattein.com.br/home/dados\\_anexos/95.pdf](http://prattein.com.br/home/dados_anexos/95.pdf)>. Acesso em: jan. 2015.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Expectativa sobre a inserção de jovens negros e negras no mercado de trabalho: reflexões preliminares. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Dimensões da inclusão no ensino médio**: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006, 363 p.

KLIKSBERG, Bernardo. **Falácias e mitos do desenvolvimento social**. Tradução de Sandra Traducco Venezuela e Silvana Cobucci leite. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília/DF: UNESCO, 2003.

\_\_\_\_\_. **O contexto da juventude na América Latina e no Caribe**: as grandes interrogações. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n5/a08v40n5.pdf>>. Acesso em: jun. 2014

KOWARICK, Lucio. **Capitalismo e marginalidade na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas 2003.

LEITE, Antônio Elielson. Política de Cultura para a juventude no governo Lula: não é o que pode ser. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; FREITAS, Maria Virgínia de (Orgs.). **Juventude em pauta**: políticas públicas no Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2011, p. 73-102.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio**: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República velha. São Paulo: HUCITEC, Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

\_\_\_\_\_. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 7-38.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 8ª ed. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2003, p. 117-128.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). et al. **Juventude e Sociedade**: Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. Culturas juvenis na metrópole: cultura audiovisual, formas de expressão e consumo simbólico. In: FREITAS, Marcos Cesar de. (Org.). **Desigualdade Social e diversidade cultural na infância e na juventude**. São Paulo: Cortez, 2006, p. 244-258.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Terceira edição. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1976, p. 26-67.

PASTORE, José; SILVA, Nelson do Valle. **Mobilidade Social no Brasil**: Prefácio de Fernando Henrique Cardoso. São Paulo: Makron Books, 2000.

PRETECEILLE, Edmond; VALLADARES, Licia do Prado. Desigualdade entre pobres: favela, favelas. In: HENRIQUES, Ricardo. (Org.). **Desigualdade e Pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000, p. 459-486.

REY, Fernando González. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2003.

ROCHA, Sonia. **Pobreza no Brasil**: afinal, de que se trata? Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único a consciência universal. SANTOS, M. 19ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2009a.

\_\_\_\_\_. **Pobreza urbana**. 3ª ed. São Paulo. Ed. Universidade de São Paulo, 2009b.

\_\_\_\_\_. **Razão global, razão local**. Os espaços da racionalidade. Festival Internacional de Geografia, St. Dié des Vorges, 1994b.

\_\_\_\_\_. As Cidades Multiladas. In: BUCCI, Eugênio. et al. (Orgs.) **O preconceito**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997, p. 133-144.

SANTOS, Theotônio dos. **Do terror à esperança**. Auge e decadência do neoliberalismo. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.

SANTOS, Elisabete. PINHO, José Antonio G. de; MORAES, Luiz Roberto S.; FICHER, Tânia (Orgs.). **O Caminho das Águas em Salvador: Bacia Hidrográfica, Bairros e Fontes**. Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010.

\_\_\_\_\_. A globalização reforça as particularidades. SANTOS, Milton. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hulcitech, 1994, p. 72-76.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1984.

SARTI, C. A. (2005). O jovem na família: o outro necessário. In R. Novaes & P. Vannuchi (Orgs.), **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 115-129.

SERPA, Ângelo (Org.). **Fala periferia!** Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano. Salvador: UFBA, 2001.

\_\_\_\_\_. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. In: **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). et al. São Paulo: Contexto, 2011, p. 97-108.

SHILS, Edward. **Centro e periferia**. Tradução de José Hartuig de Freitas. Lisboa: DIFEL, 1992.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego: diagnósticos e alternativas**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Terceira edição. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1976, p. 11-25.

\_\_\_\_\_. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **MANA**. vol. 11(2), 2005, p. 577-591.

SOARES, Antônio Mateus de Carvalho. Salvador: pobreza, configurações e territórios. **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia** – desigualdade, Diferença e Reconhecimento – Campus UFPE – Recife/PE, 2007. Disponível em: <[http://www.contatosociologico.crh.ufba.br/site\\_artigos\\_pdf/SALVADOR%20Pobreza,%20Figura%C3%A7%C3%B5es%20e%20Territ%C3%B3rios.pdf](http://www.contatosociologico.crh.ufba.br/site_artigos_pdf/SALVADOR%20Pobreza,%20Figura%C3%A7%C3%B5es%20e%20Territ%C3%B3rios.pdf)>. Acesso em: jun. 2015a.

SOUZA, Maria Adélia A. de. Razão Global/Razão Local/Razão Clandestina/Razão Migrante, reflexões sobre a Cidadania e o Migrante. Relendo (sempre) e Homenageando Milton Santos. **Boletim Gaúcho de Geografia**, vol. 20, p. 64-67, 1995. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38177/24560>>. Acesso em: maio 2015.

SOUZA, Regina Magalhães de. O conceito de protagonismo juvenil. In: ESPINDULA, Brenda (Org.). **Protagonismo da juventude brasileira: teoria e memória**. 1ª edição. São Paulo: Centro de Estudos e Memória da Juventude; Instituto ArteCidadania, 2009.

STAVENHAGEN, Rodolfo. Consideraciones sobre la pobreza en América Latina. In: **Estudios sociológicos XVI**: 46, 1998.

TAVARES, Breitner. **Na quebrada, a parceria é mais forte**: jovens, vínculos afetivos e reconhecimento na periferia. São Paulo: Annablume; Brasília: Fundo de Apoio a Cultura do distrito Federal, 2012.

THEODORO, Mário (Org.). et al. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: IPEA, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Dois séculos de pensamento sobre a cidade**. Ilhéus: Editus, 1999.

\_\_\_\_\_. **Salvador: transformações e permanências (1549-1999)**. Ilhéus: Editus, 2003.

VALLADARES, Licia do Prado. A invenção da favela- Do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

WADE, Peter. **Población negra y la cuestión identitaria en América Latina**. Universitas Humanística 65, Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2008, p. 117-137. Disponível em:< <http://www.redalyc.org/pdf/791/79106507.pdf>>. Acesso em: nov. 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The modern world-system: capitalist agriculture and the origins of the european world-economy in the sixteenth century**. New York/London: Academic Press, 1979.

WEBER, Max. O conceito e categorias da cidade. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Terceira edição. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1976, p. 68-89.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Terceira edição. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1976, p. 90-113.

## ANEXOS

### 1. Termo de Autorização da Instituição Co-participante – Escola Estadual Democrática Bertholdo Cirilo dos Reis



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SOBRE AS  
AMÉRICAS - CEPPAC

#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE – ESCOLA ESTADUAL DEMOCRÁTICA BERTHOLDO CIRILO DOS REIS

Eu, Ubiracema Alves dos Santos, responsável pela Escola Democrática Estadual Bertholdo Cirilo dos Reis, estou ciente e autorizo o pesquisador Adalberto de Salles Lima a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado **Periferias, subjetividades e horizontes futuros de jovens em Salvador/Bahia**. Declaro estar conhecer as normas e resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos, em especial a Resolução CNS 196/96, e estar ciente das co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa bem como do compromisso da segurança e bem estar dos sujeitos de pesquisa recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

Sobrinha 29 de julho de 2015

Ubiracema Alves dos Santos

Assinatura e carimbo do  
responsável institucional

Ubiracema Alves dos Santos  
Diretora Geral  
Col. Est. Dem. Bertholdo Cirilo dos Reis  
CAD 11.346.822-2

## 2. Questionário da amostra

**Universidade de Brasília**

**ICS-CEPPAC**

**Colégio Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis**

O presente questionário faz parte do trabalho de dissertação acerca das subjetividades juvenis, pobreza e periferia, em Salvador/BA. A sua resposta será confidencial e importante para o estudo da temática, desenvolvida por Adalberto de Salles Lima, estudante de mestrado do Centro de Estudo e Pesquisa sobre as Américas (CEPPAC) da Universidade de Brasília. Desde já agradeço à atenção.

**ENSINO MÉDIO - MANHÃ ( ) TARDE ( ) NOITE ( )**

### 1. Identificação e localização

**Idade**\_\_\_\_ **Sexo** 1.(F) 2.(M) **Estado Civil** 1.(Solteiro) 2.(Casado)  
3.(Divorciado) 4.(Outro) **Bairro onde mora:**\_\_\_\_\_. **Residência anterior:** \_\_\_\_\_ . **Gosta de morar no atual bairro?** (1)sim; (2)não. **Em relação ao bairro, escreva:** (1)três coisas positivas: \_\_\_\_\_ . (2) três coisas negativas \_\_\_\_\_ . **Qual sua etnia:** (1)negro (2)branco (3)indígena (4)outros \_\_\_\_\_. **Série:**\_\_\_\_\_. **Já repetiu de ano?** (1)sim; (2)não. **Se sim, quantas vezes?**\_\_\_\_\_

### 2. Perfil da família

**Você mora com quem:** (1)família; (2)parentes/amigos; (3)esposo(a)/companheiro(a); (4) sozinho(a); (5)outra situação **Quantas pessoas moram com você?**\_\_\_\_\_ **Tem filhos?** (1)sim; (2)não. **Se sim, quantos?** \_\_\_\_\_. **Quem é responsável pelo seu sustento?** \_\_\_\_\_ . **Somando a sua renda e a das pessoas que moram com você, qual o valor total?**\_\_\_\_\_.

### Até quando seu pai estudou?

- (1) Não estudou.
- (2) Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário).
- (3) Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio).

- (4) Ensino médio (antigo 2º grau) incompleto.
- (5) Ensino médio completo.
- (6) Ensino superior incompleto.
- (7) Ensino superior completo.
- (8) Pós-graduação.
- (9) Não sei.

**Até quando sua mãe estudou?**

- (1) Não estudou.
- (2) Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental.
- (3) Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental.
- (4) Ensino médio incompleto.
- (5) Ensino médio completo.
- (6) Ensino superior incompleto.
- (7) Ensino superior completo.
- (8) Pós-graduação.
- (9) Não sei

**3. Situação profissional**

**Atualmente, seu pai trabalha em que? \_\_\_\_\_ . E sua mãe? \_\_\_\_\_ . Você trabalha? (1)sim (2) não Se respondeu sim, qual sua situação na profissão (1) assalariado; (2) trabalhador por conta própria; (3)desempregado; (4)outro \_\_\_\_\_ . Se trabalha, qual atividade desenvolve? \_\_\_\_\_ . Você se sente satisfeito com este trabalho? (1) sim (2)não Se não, qual o motivo: (1) condições inadequadas; (2) renda; (3)distância; (4)outros \_\_\_\_\_ . No futuro, gostaria de ter qual profissão? \_\_\_\_\_ . Considerando as mesmas qualificações, com relação a inserção no mundo do trabalho é possível afirmar que:**

- (1) brancos e negros têm as mesmas possibilidades
- (2) os brancos têm mais possibilidades que os negros
- (3) os negros têm mais possibilidades que os brancos
- (4) é difícil para todos

**Após a conclusão do ensino médio, qual a sua expectativa em relação ao ingresso no mercado de trabalho?**

- (1) boa (2) razoável (3) não tenho expectativa

#### 4.Situação escolar

Como você define a relação entre estudante e escola?

---

**Para você, os conteúdos trabalhados em sala de aula contribuem para a formação profissional?** (1) sim; (2) não; (3) não gosto dos conteúdos; (4) mais ou menos, pois não vejo muita relação com a formação profissional. **Ao concluir o estudo, você está preparado para trabalhar em que?** (1) comércio; (2) indústria; (3) agricultura; (4) serviço público; (5) não sei; (6) outro, Qual?..... **O estudo para a sua vida é:** (1) prazeroso, o estudo é tudo para mim; (2) irá ajudar a conseguir um bom emprego; (3) não gosto de estudar, não vejo utilidade do que aprendo; (4) outro, especificar.....

#### 5. Perspectivas profissionais e participação social

**O trabalho/emprego para a sua vida é?** (1) razoável; (2) não tem importância; (3) tudo para mim, é através do trabalho/emprego que posso me sustentar. **Ao concluir o estudo, o que gostaria de fazer?** (1) continuar estudando para ingressar na Universidade; (2) procurar emprego; (3) continuar os estudos e trabalhar; (4) ainda não sei o que vou fazer. **Você faz parte do programa Bolsa Família?** (1) sim (2) não. **Participa de outros programas sociais?** (1)sim (2)não. **Você atua em algum movimento social?** (1) sim (2) não.

### 3. Roteiro - grupo focal

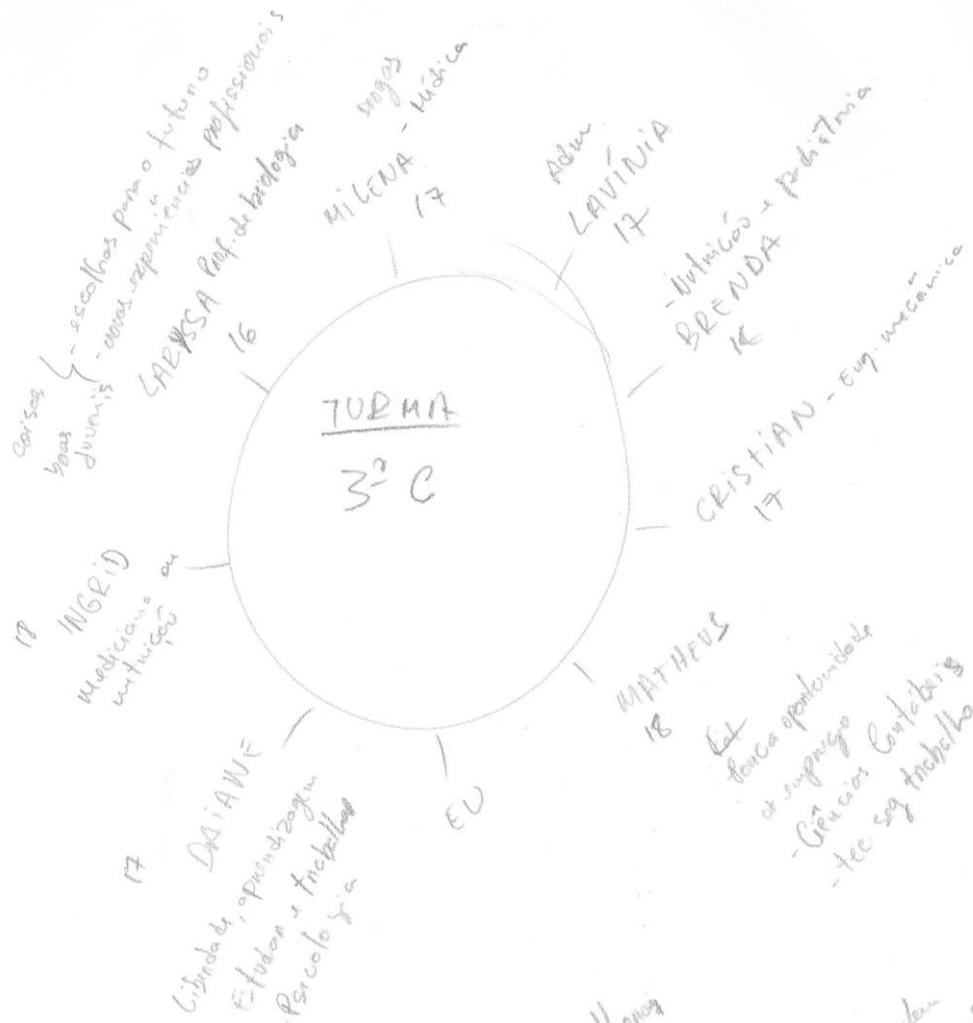
1. Apresentação (sobre mim e como foi pensando a entrevista);
2. Atividade de apresentação do grupo;
3. Breve discussão sobre subjetividades juvenis e periferias

	<b>INDAGAÇÕES</b>
JUVENTUDE	O que vocês entendem por juventude?
	Existem coisas boas e coisas ruins por ser jovem? Por quê?
	Como vocês veem o mundo dos adultos? É bom? É ruim? Preferem ser jovens?
	Quais as diferenças entre ser jovem e adulto?
	Estão buscando trabalho? Trabalham? Sentem existir algum tipo de dificuldade por morar no bairro, à raça, gênero,... já sofreram algum tipo de preconceito? Onde?
	O que vocês pensam sobre a violência no bairro e na cidade de Salvador? Quais as formas de violência atingem vocês?
	Quais prioridades vocês buscam?
BAIRRO/ PERIFERIA/ POBREZA	Todos moram aqui? Acreditam que a situação social no bairro pode melhorar? Como?
	Vocês consideram esse lugar um bairro de periferia? Porque? Qual a diferença entre o bairro em que vivem e outro que não seja periférico?
	O que vocês acham da riqueza? Gostariam de ser ricos? Ser pobre é ruim? Vocês tem vergonha de ser pobres, de dizer que são pobres?
	Já pensaram como atingirão a riqueza que sonham? Quais alternativas pensam em buscar? Quais as dificuldades para se conseguir?
	Conhecem alguma ONG ou iniciativa comunitária? Sim? Participam?

PARTICIPAÇÃO SOCIAL LOCAL	Não? Por quê? Gostariam de participar? Que tipo? Acreditam que vale a pena?
	O que vocês entendem sobre políticas públicas? (caso fiquem calados, conversar com eles o significado, que existem PP universais e setorializadas). Quais PP vocês conhecem? Quais acham importantes?
	O que vocês esperam das políticas públicas voltadas para os jovens?
	Os jovens precisam de PP? Todos os jovens da periferia precisam? Por quê?
ESCOLA	O que significa a escola para vocês?
	O que poderia ser mudado na escola para torná-la mais atraente ao jovem?
	Os jovens têm liberdades para expor suas opiniões e expressões artísticas?
	O que vocês esperam da escola?



Quisieramos:  
de 24 a 56



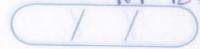
- Liberdade no dentro; drogas  
- a interação no brinco pode melhorar  
x interação no fórum / por meio  
de atividades de esporte, lazer,  
[...]

- Os estudantes não tem  
utilidade para expressar  
opiniões + diálogo

O mundo do adulto é mais centrado.  
O jovem tem den. responsabilidade.

2º N 16

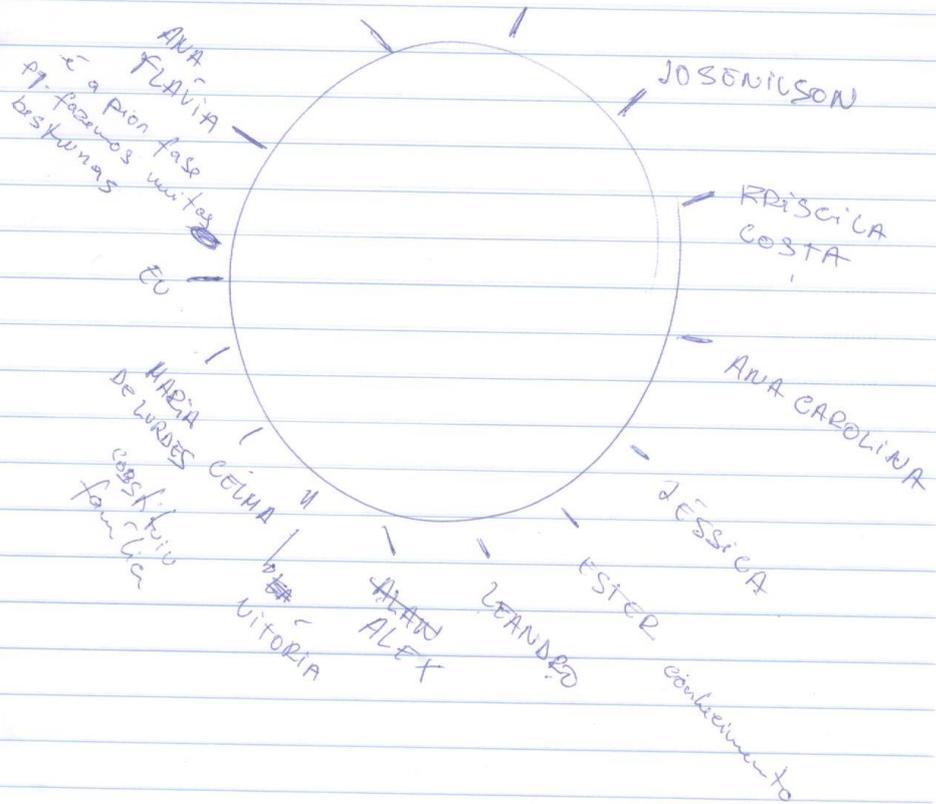
104-124



Juventude:

sexo, namoro, bebida, família, drogas,  
coisa boa: não tem preocupação de viver,  
coisas ruins: mentalidade juvenil. (de perijemia), a fa

Injeção de drogas  
prioridades = transporte



IC - questionários de 53 a 74 de 75 a 103 sempre

questionários de 53 a 74

